

# Coletânea de textos de humor

Marcelo Garbine

01 – O chute que eu tomei no saco .....	02
02 – Como tirar a barriga da miséria e sair da pindaíba .....	12
03 – Como comer a garçonete de um bistrô .....	24
04 – As vaginas que nasceram no meu rosto .....	32
05 – Orgulho de uma sociedade que respeita as minorias e os mais fracos ..	42
06 – Joga bosta na Geni porque a Silvia é piranha .....	47
07 – Das coisas que eu aprendi sobre paixão, sexo e diarreia .....	54
08 – Dona Bernardina não quer dar descarga .....	60
09 – As duas últimas Coca-Colas do deserto .....	64
10 – O dia em que as comichões me atacaram pela retaguarda .....	69
11 – O diabo vai chegar numa Brasília verde .....	79
12 – Doutora Sandra cobra R\$490,00 .....	86
13 – Eu queria morar na República Tcheca .....	94
14 – Filosofias afrodisíacas para convencer mulheres .....	99
15 – O taxista que era filho de uma quenga .....	107
16 – Cheguei ao cume do sucesso! .....	115
17 – Vinicius não quer ovo de páscoa .....	120
18 – Professor Ruy desce para o inferno .....	126
19 – Sexo ou livro? Eis a questão .....	131
20 – Ela não gosta de mim... mas é porque eu sou burro .....	139
21 – O limiar da compreensão que veio com o hálito .....	146
22 – O assento é do Pinto .....	151
23 – Enterrem o meu ego numa urna de safira .....	163

# O chute que eu tomei no saco

Marcelo Garbine

## I – O chute:

Aquele japonês era muito esquisito... não... na verdade, não era. Eu que era. E sofria bastante bullying por causa disso. Preconceito todos nós temos, mas, quando somos as vítimas, logo levantamos a bandeira do contra. Eu, que vivia isolado, no meu cantinho imaginário pueril, quando olhava para os lados e via o mundo que existia, na realidade, interagia um pouco, nem sempre de uma maneira que se possa ter orgulho.

O ano era 1983. Mini Mingau Ácido na pré-escola. Durante a aula de educação física, fizemos fila para virar cambalhota, no colchonete, conforme mandara a tia Célia. A criaturinha de zoinho puxado, bem na minha frente, olhava-me de rabo de olho, com cara de poucos amigos, que ambos não tínhamos. Ele não estava gostando nada nada nada das chacotas do Mingauzinho.

– Abre o olho, japonês! Vai errar o colchão, na hora de virar cambalhota.

– Eu sou mestiço!

– É japonês. Ahahaha...

Os olhinhos do menino, que, aos meus olhos, era um marciano, eram tão pequeninos que pareciam não existir e começaram a ficar vermelhinhos e saltar para fora. O samurai, que dentro do orientalzinho existia, começava a ficar incomodado: "Cadê a dignidade dos seus antepassados, que gritaram BANZAI e abraçaram uma granada, antes de explodirem-se, ao cabo da Segunda Guerra Mundial?" – bradava o seu "eu interior".

Terminou a brincadeira da cambalhota. Era hora de dividir os fedelhos em dois times. O primeiro da fila abaixava-se e corria, de quatro, por baixo das pernas abertas de todos os outros membros do seu bando, até o final. Quando lá chegava, postava-se, de pernas abertas também, e aguardava o novo primeiro da fila repetir o ciclo. A equipe cujos membros concluíssem, integralmente, a trajetória, pelo túnel de pernas, seria a campeã. É claro que eu caí na turma do "Banzai".

E lá estava o Mini Mingau, vendo a molecada passar, um por um – como diria o locutor Silvio Luiz – por baixo de suas canetas. "Que brincadeira mais chata essa!" – eu pensava. Minha cacholinha infantil logo deu um jeito de alegrar o ambiente, bem na hora que chegou a vez do japonês. Quando eu tive a visão da criatura vinda da terra do sol nascente – onde as pessoas falam uma língua

toda enrolada, que não dá pra entender, e escrevem uns rabiscos engraçados – passando lá embaixo, naquela posição humilhante, não tive dúvida: abaixei-me um pouquinho e fiquei com as mãos preparadas, em posição de ataque. O "amarelinho", quadrúpede por alguns segundos, passou ligeiro, mas sua calça ficou em minhas mãos. Algumas frações de segundos transcorreram-se até que a ficha do "saionarazinho" caísse e ele se desse conta da situação humilhante na qual se encontrava: estava correndo de quatro... e de cueca cor-de-rosa. A humilhação era grande e a alegria era geral. Um prato cheio para a turminha de crianças de seis anos de idade. Mini Mingau Ácido, o que foi que você fez?

Nakano era o nome do pobrezinho. Deixa eu parar de chamá-lo, aqui, por apelidos, antes que os "politicamente corretos" de plantão apareçam para dizer que "não pode" e "você é isso, você é aquilo".

Nakano veio andando, em câmera lenta, na minha direção. Fisionomia séria e cuequinha rosa. Mingau Ácido segurando sua calça na mão. Era para ficar com medo ou era para cagar de rir? Oh, dúvida cruel! Nakano encarregou-se de sanar a minha incerteza. Um chute no meio das minhas bolas calou as minhas gargalhadas.

– Bem feito pra você, Marcelo. – Foi a violenta sentença da tia Célia. – Quem mandou você ficar enchendo o saco do Nakano?

É, tia Célia... o pressuposto da senhora foi equânime... mais tarde, eu conheceria, através das aulas de história, a famosa Lei do Talião: “olho por olho, dente por dente e... saco por saco”. Nada mais justo que seja cobrado o saco de quem enche o saco...

\*\*\*\*\*

## II – A consequência:

– Filho, você vai precisar operar o saquinho! O chute do Nakano machucou as suas bolinhas!

– Sério, mamãe?

Apesar de só ter seis aninhos, eu lembro como se fosse hoje: eu deitado numa maca de rodinhas, sendo levado por cerca de meia dúzia de homens e mulheres, com roupas e máscaras verdes, até a mesa de cirurgia.

“Cambada de covardes”, eu pensei, “por que eles precisam esconder-se atrás de máscaras?”

Mas eles eram tão bonzinhos! Vendo aquele menininho tão miúdo, prestes a operar o saco escrotal, todos adultos têm o dever de sorrir, ser simpáticos e fazer palhaçadas.

– Ei, como é o seu nome, mocinho?

– Marcelo.

– Você vai operar o saquinho, meu jovem!

– Tô sabendo...

– Você está feliz?

– Acho que sim...

– Então dá uma bitoca no meu nariz.

– Acho que não...

A brincadeira, bruscamente, findou-se. Uma moça, do grupo dos mascarados, veio em minha direção com uma puta de uma injeção anestésica desse tamanho.

– Não, não! Eu não quero, moça!

O olhar benévolo dos mascarados, de modo repentino, perdeu todo o brilho. Eles já não eram mais simpáticos. Dois deles seguraram-me. A moça continuou empinando aquela seringa, com uma agulha medonha, e outro mascarado levantou o dedo, em riste, gritando:

– Marcelo!

Eles pensaram que estavam na frente de uma criança medrosa comum, mas não, era o Mini Mingau Ácido!

– É que eu prefiro aquela máscara de cheirar, moça.

– Máscara? Você prefere máscara?

– Prefiro.

Então a moça abaixou aquela injeção medonha e trouxe às minhas pequerruchas mãos uma máscara de anestesia. Eu a segurei e dei duas fungadas no negócio. Antes que eu pudesse curtir o barato do bagulho e dizer “legal”, eu apaguei geral...

Olha que bonitinho, gente! O Mingau Ácido era tão pequenininho e já sabia argumentar.

Acordei, no dia seguinte, tomando soro e reclamando com a minha mãe que eu estava de mau jeito.

– Aguenta aí, filho. Agora, não pode se mexer.

\*\*\*\*\*

III – A vingança:



O tempo passa, seis anos vão para “as cucuia”. Mingau Ácido transforma-se num rapazote de doze anos. O ano era 1989. O saquinho que o Nakano chutou já tinha as suas primeiras penugens e o vizinho do saquinho já sucumbia aos encantos das meninas.

O professor de ciências dividiu a classe em grupos de seis alunos para a realização de um trabalho escolar. Falei baixinho para quatro dos meus colegas de grupo:

– No mesmo grupo que o Nakano eu não fico.

– Por quê? – perguntaram os quatro, em coro.

– Porque ele chutou o meu saco, seis anos trás, e eu tive que operar.

– Xi... então você ficou estéril. – Lamentou, sarcasticamente, o Ricardo.

– Eu? Como assim? – Assustou-se o Mingau.

– Você nunca vai poder ter filhos e, quando você fizer dezoito anos, o seu pau nem vai mais subir. – Articulou Carlos Eduardo, a sua previsão apocalíptica.

– É isso mesmo, Mingau. Se eu fosse você, trataria de aproveitar tudo o que puder, agora. – Manifestou, por seu turno, a sua opinião, o Anderson.

– Concordo com o Anderson, Mingau. – Concluiu o Guilherme. – E se eu fosse você, encheria aquele japonês de pancada.

Mingau Ácido era inocente e acreditava em tudo o que lhe diziam. O japonês merecia tomar o troco: olho por olho, dente por dente e... saco por saco!

– Nakano, seu merda, isso é pelos meus filhos!

O japa caiu, estendido, no chão da sala de aula. Estirado e com cara de quem havia cagado na calça, ele berrou:

– NO SACO NÃÃÃÃOOOO!!!!!!!!!!!!

Mais vinte e cinco anos foram riscados do calendário. O ano é 2014. Eu já procurei o Nakano no Google e descobri que ele se tornou um avicultor, criador de pintinhos em chocadeiras.

São os caprichos da vida...

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Como tirar a barriga da miséria e sair da pindaíba**

Marcelo Garbine

## I – O problema:

Precisei tirar fotocópia da minha carteira de motorista, outro dia, pra recorrer de uma multa de trânsito. Fui à papelaria, perto de casa, e enfrentei uma pequena fila básica. Na minha frente, um sujeito com cerca de cinco anos a menos que eu puxou conversa comigo.

Era um indiano que mal falava o português direito. Não costumo dar atenção a pessoas com papo furado, todavia, vi que o estrangeiro tinha conteúdo. Como acho curiosa a história das religiões orientais e a cultura diferente do sistema de castas, comecei perguntando sobre o hinduísmo. Ele respondia solícitamente com longos discursos e um sorriso irradiante no rosto.

Logo, descobri que ele tinha a mesma formação acadêmica que eu. Coursou economia em Londres. O tópico foi de teologia à política monetária, porém, sem demora, pairou sobre um tema universal, como sempre.

Futebol? Uuuuuhhhh... bateu na trave, amigão. É quase isto, mas, não é...

Parafraseando uma letra de música de minha autoria (jabá na cara de pau):

“(...) sobre tudo o que passou / Meu time nunca marcou gol / Não tenho time nem guarda-sol / Odeio crimes e futebol (...)”.

Tá aí, já assumi – correndo o risco de ser impopular – que futebol não é a minha praia. Então, sobre o que era o assunto? Que saco! Fala logo, Mingau! Desembucha!

O que é quase futebol? Simples: mulher.

O conterrâneo de Mahatma Gandhi iniciou narrativas acerca das suas peripécias como Don Juan. Falou que nunca saía com amigos à noite pra sentir-se mais livre pra flertar com as moças e não ter o trabalho de procurar mulheres acompanhadas de amigas. Ressaltou que – segundo ele – a presença de mais de um homem diante de uma mulher podia confundi-la. Então, ele, simplesmente, dispensava a companhia de outro macho e garantia-se na hora de partir pro ataque e divertir-se com a próxima fêmea.

Até aí, eu estava aprendendo mais um pouco a respeito do complexo universo feminino, contudo, já esboçava irritação com aquela prosa.

Sabe... eu nunca fui o tal. Tenho cara de nerd e, assim como Herbert Vianna, eu uso óculos... óculos...

Desculpa esfarrapada de quem batalha pra caramba com o propósito de alcançar – em média – o fim de um trimestre com o saldo de apenas umas quatro vaginas consumadas.

Tanto sacrifício pra, finalmente, comemorar: "CONSUMMATUM EST!".

E, com muita sorte, poder, às vezes, gritar: "CONSUMMATUM EST OEST!".

Piadinha pseudo-intelectual que só os leitores que conhecem um pouquinho de latim ou da bíblia vão entender. O Google tá aí. Se vira, nego.

No início, fiz cara de coleguinha pegador, mas, em seguida, suei frio e o meu sorriso amarelo acabou denunciando que eu não passava de um cabação.

Quem aqui assistiu ao filme “O virgem de quarenta anos”? Bom... não chego (graças ao bom Deus) ao extremo estado virginal do personagem do grande

ator Steve Carell, mas, perante a revelação do Hare Krishna comedor, eu me senti humilhado. Que bosta!

O cara me contou que pegava de oito a nove mulheres por semana! Que condição distante da minha realidade!

"Oh, vidinha besta, sô!" – como dizia o meu finado vizinho.

E, como se não bastasse, o pilantra ainda começou a pescoçar a rua e dizer:

– Aquela, ali, de óculos escuro, eu já peguei. Aquela que sorriu pra mim também. A de verde, eu peguei, também, mas, faz tempo, umas três semanas...

– Para! Para! Para! Para! – disse eu, incorporando o João Kleber – Para o baile, meu amigo! Diz aí, rejeitador de carne de vaca e apreciador de carne humana do sexo feminino, como você faz pra conquistar tantas vulvas? Seja solidário e conta pra mim.

– Mas você é mais velho que eu – esnobou o Hare Hare, com fisionomia ironicamente ingênua – tem mais experiência.

Deixa pra lá, amanhã, eu tiro essa porcaria de xerox. É degradante demais pra quem ainda insiste em ser levado a sério, pelo menos, um pouquinho...

– Quer saber de uma coisa, seu indiano maldito? A Caxemira deve ser dominada pelo Paquistão, seu trouxa!

\*\*\*\*\*

## II – A solução:

E pensar que, aos quinze anos – naquela fase da masturbação que a gente tem a necessidade vital de colocar a porra da porra pra fora – eu apelava pra cacete, chegando ao cúmulo de prometer casamento pra filha da dona Hermengarda.

Dona Hermengarda trancava a sua filha Bartira – já com vinte e cinco anos (muito velha pra um adolescente de quinze) – a sete chaves.

A garota era tão horrível que a Dona Hermengarda morria de medo de soltá-la na rua e a menina ser xingada. Coitadinha da Bartira...



No alto do seu primeiro quarto de século de existência, nunca havia beijado na vida. Nenhum homem gritava "GOSTOSA! FIU! FIU!" pra pobre Bartirinha.

Mas o Mingauzinho aqui encarou! Estava grave o negócio...

Quando a dona Hermengarda saía, às seis horas da matina, pra abrir a sua quitanda cheia de ratos, eu pulava o muro daquela velha casa e ia ao encontro da feiosa Bartira.

Todos os dias, eu a encontrava chorando, lamentando-se por ser a menina mais feia do bairro. Dava um trabalhão consolar a Bartira. Isto me custava, no mínimo, uns trinta minutos de preliminares até a Bartira ceder.

– Não chora, Bartira, você é linda por dentro. Tão maravilhosa quanto o seu nome. Se os homens não veem a sua beleza, o problema está neles e não em você.

Era uma lábia bem fraquinha, mas, com a Bartira funcionava. Ela parava de chorar e eu mandava brasa. Fazer o quê? Era o que tinha pro rango. Melhor do

que ficar no cinco contra um... Come-se por amor à pátria. Taca-se uma bandeira do Brasil na cara e... ueba!

Mas a desgraça não se restringia exclusivamente nas olheiras semelhantes às do José Serra nem no nariz parecido com o do Costinha. Bartira sonhava em entrar na igreja de véu e grinalda. E eu tinha que prometer pra moça que teria a honra de ser o seu homem pro restante das nossas vidas. Que apelação! Bartira acreditava... e cedia.

Bartira possuía as suas qualidades. Se nada é perfeito, nada é totalmente imperfeito também. Nem mesmo a surrada Bartira. Eu fechava os meus olhos e pensava: "É Sharon Stone e vamos lá".

Digamos assim que – tomando o devido cuidado pra não cair na vulgaridade – a Bartira era hábil pra se manifestar com a sua cavidade bucal sem necessitar fazer uso da voz. E então os defeitos de Bartira desapareciam como num passe de mágica.

A sua ínfima estatura deixava-a com a sua fenda labial bem aproximada à materialização do meu ímpeto predestinado a contribuir com a continuidade da proliferação da espécie humana no Planeta Terra. O que – diga-se de passagem – facilitava bastante as coisas.

Os olhos tortos e vesgos da doce criatura pareciam um sensual olhar quarenta e três, meio de lado, assim saindo, como cantava Paulo Ricardo, nos anos oitenta.

O exageradamente avantajado pescoço dela funcionava como uma mola propulsora com o qual Bartira podia ser bem ligeira.

Os escassos dentes de Bartira contribuía pra que eu não me ferisse.

A cabecinha chata de Bartira era ótima como porta-copo de Coca-Cola.

E as orelhas de abano da Bartira podiam muito bem servir como chacoalhadores, as quais eu agarrava, uma em cada mão, pra chacoalhar a pobre Bartira e incentivá-la a aumentar a velocidade.

Desde cedo, aprendi olhar o lado positivo das circunstâncias. Por isto, tenho vontade de escrever um livro de autoajuda. Vocês comprariam um livro de autoajuda escrito por Mingau Ácido?

Deixando a pesquisa de mercado pra outra hora, vamos voltar à Bartira. Doce Bartira...

Numa bela tarde, Bartira mostrou-se mais difícil que habitualmente. Disse que não poderia ceder porque estava menstruada.

Um calafrio tomou conta de toda a minha coluna vertebral. Já fazia três dias que eu não pulava aquele muro desgranhento e não podia ir embora daquele casebre sem largar alguns milhões de espermatozoides por lá.

– Bartira, Bartirinha, existe alguma coisa mais bonita no mundo do que uma mulher menstruada, Bartira? A menstruação é a essência feminina. É a exteriorização do que há de mais expressivo no âmago de uma mulher.

Os olhos de Bartira brilharam e houve, então, os primeiros movimentos de quem acedia. Só que a Bartira titubeou mais um pouquinho.

– Mingau, você gosta mesmo de mim?

Vixi... eu não sou um cafajeste, detesto mentira. Mas precisava, necessitava muito, consumir a decadente Bartira, pelo menos, mais uma vez.

– Bartira, amável Bartira, ainda não percebestes isto? – respondi com olhar lânguido.

– Ai, Mingauzinho, vem cá...

Pronto, missão cumprida. Bartira fora utilizada, com classe, pela última vez.

\*\*\*\*\*

### III – O aprendizado:

No dia seguinte, eu estava sentado no banco da praça do bairro, conversando com os meus brothers, quando vejo, à meia luz, a insigne de Bartira surgindo no horizonte.

Ela havia passado um cintilante batom cor-de-rosa na boca. Eca! Pintou algumas luzes naquele cabelinho pixaim, vestiu uma mini-saia vermelha que a dona Hermengarda deve ter conseguido na feira, através de alguma permuta por quiabos ou repolhos, e fez a desgentiliza de calçar um salto alto roxo, tão alto que fazia a Bartira chegar a quase um metro e cinquenta e cinco de altura.

Ai, ai, ai! Que constrangimento...

– Oi, Mingau! Como é bom encontrar você por aqui!

– Fala, Bartira... – Eu disse, bem secamente.

– Mingau, você não disse que gostava de mim?

– Não, Bartira, eu somente perguntei se você não percebeu isso ainda, ou seja, no caso, se você não se tocou que não, que eu não gosto de você.

Bom... é claro que eu não me vanglorio disto. Pra falar a verdade, eu sinto bastante vergonha por ter apelado desta forma. Mas prefiro, eventualmente, cortar o coração de alguma leitora que, por ventura, esteja apaixonada por mim, a perder a piada. Ácida, como sempre, mas engraçada.

Confesso que o meu peito ainda dói, um bocadinho, toda vez que me lembro do rostinho da Bartira coberto de lágrimas.

É dilacerante a imagem que tenho guardada em minha memória dos poros gigantescos e abertos de sua face – que mais pareciam crateras vulcânicas – e das suas espinhas, que ficaram encharcados com o néctar oriundo de seu farto canal lacrimal.

Mas, depois de rezar meia dúzia de ave-marias e padre-nossos, eu me absolvi com a justificativa de que a culpa era dos meus irrequietos hormônios juvenis.

Fica aqui um conselho pras mulheres: façam um curso de interpretação de textos, se não, as senhoritas serão enganadas e iludidas.

E, hoje, você aprendeu, com Mingau Ácido, como tirar a barriga da miséria e sair da pindaíba.

Augusto Cury, James Hunter, Daniel Goleman, Allan Percy e Pierre Dukan que se cuidem. Mercado de livros de autoajuda aí vou eu! Urru!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Como comer a garçonete de um bistrô

Marcelo Garbine

– Um Skibon.

– Ballantines ou Jack Daniels?

– Eu disse: um Skibon, um sorvete Skibon, e não whisky bom.

– Ah, tá, é que você tem jeito de um bom apreciador de whisky. E é difícil alguém se sentar à mesa de um bistrô, como o nosso, pra pedir um sorvete.

– Tem no cardápio, não tem?

– Tem, mas, geralmente, vendemos, como sobremesa, para os filhos dos casais, que são nossos clientes, e não para um trintão desacompanhado. Um homem, com o perfil como o seu, está mais para apreciador de um bom whisky.



– Temos quatro alternativas, então: eu posso continuar, aqui, sentado, com cara de palhaço, ouvindo uma garçonete metida à analista de perfil de consumidor, posso levantar e ir embora desse restaurante maluco, posso mudar o meu pedido para evitar chocá-la com estranhezas ou posso pedir que pare de encher o meu saco e traga logo essa porcaria desse sorvete.

– Ahahahaha... a vida é bela, moço. Na verdade, eu sou consultora de imagens. Vou trabalhar, como garçonete, nesse bistrô, durante duas semanas, só para fazer um laboratório, analisando o perfil dos clientes que entram aqui. Achei o seu muito curioso, tão bem apessoado e tão mal humorado, por isso estou alongando a conversa. Quero abstrair o máximo que puder de você.

– Interessante... mas, hoje, eu não estou com paciência. Acabei de romper um relacionamento.

– Acabou de romper um relacionamento? Tem certeza que não quer o Whisky?

– Só se eu tivesse interesse em levá-la para um motel. Aí iria precisar de, no mínimo, umas três ou quatro doses na minha cabeça, para fazer valer o ditado “não existe mulher feia, é você que não bebeu demais”.

– Ah, vá... até que eu sou bonitinha. Sabia que a rejeição de um homem, assim, tão explícita, é afrodisíaca?

– Você não vai gostar de mim. Esquece.

– Como você sabe do que eu não gosto?

– Eu tenho um dente cariado, olha.

– Eca! Mas se você não me mostrar mais, eu vou esquecer a existência dele.

– Mas não vai esquecer os meus pneuzinhos, olha a minha barriga.

– É... como consultora de imagens eu lhe digo que você precisa correr, urgentemente, para uma academia, mas, como mulher, eu não ligo para isso não. Eu gosto de homens inteligentes e você é inteligente.

– E o que adianta ser inteligente e ter herpes genital?

– Huumm... por mais que eu esteja a fim, nesse caso, vai ser mais difícil de apelar para o meu senso de benevolência e conseguir relevar... Mudando de assunto: o que você faz?

– Eu sou escritor.

– Que legal! Então está explicado o notebook ligado, sobre a mesa, com um documento de Word aberto. Qual é o próximo assunto sobre o qual vai escrever?

– Tendo em vista o teor do nosso diálogo, sobre você.

– Como você é contraditório... Sabe aproveitar tão bem a oportunidade de uma boa deixa para escrever e não aproveita a oportunidade de trocar um sorvete por sexo?

– Nem a analista de imagens vai conseguir obter uma razoável compreensão de mim, pelo jeito.

– É... confesso que, pessoalmente, estou interessada em você porque está me intrigando, mas, profissionalmente, estou me sentindo uma incompetente. É a

primeira vez que não consigo compreender um perfil. Aliás, é a segunda porque, quando eu estava na sétima série, havia um menino esquisitão também. Falando com você, lembrei-me dele... o Marcelo.

– Até o nome é igual ao meu.

– Sério? Quantos anos você tem?

– Trinta e sete.

– Eu também.

– Onde você estudou?

– Lá no (...)

– Eu também... Priscila?

– Não fui eu quem contou para a professora de matemática que você estava colando na prova, foi o Rogério.

– E você acha mesmo que eu quero explicação sobre isso, vinte e cinco anos depois?

– É que você parecia ser tão sistemático, achei que gostasse de tudo certinho, de esmiuçar tudo, ter explicação sobre tudo.

– Obrigado pelo sistemático. O seu eufemismo aliviou bastante o termo pejorativo que você usava para definir-me.

– Ah, eu sei... eu chamava você de chato. Mas o Rogério que era um insuportável, ficava dedando todo mundo, não tinha o menor senso de coleguismo.

– Bom... quem sou eu pra falar alguma coisa? Acho que não tenho moral pra chamar ninguém de insuportável.

– Mas você era um chato engraçado, o Rogério, não.

– É... faz sentido, pelo menos eu era engraçado. Mas por que você namorava o Rogério, então?

– Eu não o namorava. Só pedi pra fingir que era namorada dele pra você sair do meu pé.

– Puxa, como o mundo dá voltas. Agora, vinte e cinco anos mais tarde, você está quase implorando pra dar pra mim.

– Acho que, agora, você não vai querer mesmo, não é?

– Eu não guardo mágoa.

– Como consegue não guardar mágoa?

– Tenho que fazer esse esforço. Se quero escrever textos bem humorados, tenho que eliminar, pelo menos, uns setenta por cento da minha mágoa, mas preservar trinta para dar a dose certa de acidez.

– Então você só está trinta por cento magoado comigo?

– Pode-se dizer que sim.

– Não vai querer me esnoabar para se vingar?

– Já fiz isso, com os trinta por cento da minha acidez, agora, preciso dar voz aos outros setenta por cento e vingar-me de um quarto de século de espera.

– Na minha casa ou na sua?

– Podemos levar uma garrafa de um bom whisky?

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# As vaginas que nasceram no meu rosto

Marcelo Garbine

Esse negócio de ficar pensando bastante, mergulhado no meu mundo introspectivo, custa-me um preço exorbitante. Pouco tempo sobra-me pra executar as tarefas básicas do dia a dia, como: manter minha casa limpa, beber uma cerveja, cumprimentar o vizinho e tomar banho.

Enquanto me trocava pra ir dar uma palestra, notei que não havia uma maldita cueca limpa na gaveta. Meu lar é escuro, pois as lâmpadas queimadas não são substituídas. Comumente, praguejo, sentado no vaso sanitário, surpreendido pelo fim do estoque de rolos de papel higiênico. Uma voraz reflexão toma conta de todo o meu ser: se Deus foi deveras caprichoso a ponto de ter arquitetado um corpo humano tão perfeito, por que raios não se esmerou um pouquinho mais e deu-nos um intestino capaz de produzir fezes com uma consistência maior, excrementos emborrachados, pra não esparramar sujeira?

O que se dirá, então, de uma tarefa em tal grau complicada como fazer a barba? O quê? Não é complicada? Pode ser vexatório, mas tarefas simples pra todo mundo são intrincadas pra mim.



A minha barba é muito grossa e cresce rápido demais. Isso acabou fazendo que eu cultivasse o hábito de delegá-la a terceiros. Perdi, completamente, a habilidade com uma gilete.

Dizem que tudo em excesso não é saudável. O preceito vale, por experiência pessoal, pra dedicação às ditas coisas maiores, como: reflexão, composição e criação. E vale, também, pra ofícios mais modestos, como o de barbeiro.

Um barbeiro é um especialista muito útil. É graças a ele que eu não caio na desgraça de ter que exibir uma coleção de vaginas artificiais na minha faceta, ao meter-me a desempenhar uma arte que não domino: a perícia de manusear uma lâmina de barbear. Porém basta que um barbeiro seja, somente, um barbeiro, sem cometer o excesso de ser um barbeiro barbeiro. Barbeiro barbeiro é um barbeiro que faz barbeiragem.

Trinta e cinco ou quarenta reais é uma bagatela. Eu pagaria até cem pra que fizessem a minha barba. Se houvesse profissionais dessa ordem no mercado, pagaria até pra escovarem os meus dentes.

Aprendi, na faculdade de economia, que essa diferença entre os cem reais que eu estaria disposto a pagar pra apararem a minha barba e os trinta e cinco reais que, efetivamente, cobram-me, chama-se excedente do consumidor.

Como vejo tudo pelo lado positivo, quando pago ao meu barbeiro, não me sinto gastando trinta e cinco reais. Lembro-me do excedente do consumidor e, com isso, sinto-me ganhando sessenta e cinco (espero que o meu barbeiro não leia essa crônica). Então “mato dois politicamente corretos com um único sarcasmo”: evito que o meu rostinho de bebê seja corrompido por uma gama de vulvas criadas por minhas mãos inábeis e, de modo concomitante, ganho sessenta e cinco reais! Urrú! É a típica alegria de bobo, mas... pelo menos, eu assumo.

O problema não está em remunerar pelo serviço, seja lá quanto for. A questão é o que recebo, em troca, pelo meu dinheirinho suado. É triste, no entanto, é a realidade: não importa o quanto paguemos, dificilmente encontramos um técnico capacitado, em qualquer área, que nos faça sair com a sensação de que o capital foi bem empregado.

Funcionários daqueles hotéis em que a gente sempre se hospeda – e acha que vai ser respeitado, não só pela razão de estar pagando, mas, principalmente, porque “bate cartão” lá – são mal educados.

É irrelevante que eu tenha ido lá mais de noventa vezes nos últimos três anos. A camareira vai bater na porta do apartamento, ao meio-dia em ponto, pra

perguntar-me se vou picar a mula dali ou se vou acertar a próxima diária. E nem adianta argumentar. É pior. Estresse à toa, não.

A dona Filomena, por exemplo, faxineira de um hotel de Atibaia, no qual eu me hospedava com frequência, enfiou o dedo na minha fuça e disse pra mim que eu não havia limpado os meus sapatos direito, ao retornar da rua.

– Puxa vida, dona Filomena, com todo o respeito que eu tenho pelos seus cabelos brancos e pelo seu digníssimo trabalho, é fato que não atentei pros meus sapatos sujos. Perdoe-me, por gentileza. Mas também não precisa gritar desse jeito comigo. Afinal, não estou aqui de favor, estou pagando caro pela hospedagem.

Ela olhou sarcasticamente pra mim e disse:

– Ah, ah, ah! Você não sabe o que é caro, meu amooooorrrrrr. – Entonando um artificial sotaque carioca nos erres, pra esnober-me ainda mais.

Parece ser um infortúnio nacional essa deficiência na oferta de custo-benefício pra um cliente que sonha com o dia em que será bem tratado ao receber um serviço pelo qual está pagando.

Quando como um hambúrguer pestilento e tomo uma Coca-Cola sem gelo numa lanchonetezinha de beira de estrada e o balconista não permite que eu pague com cartão de crédito ou débito, alegando que esse meio de pagamento é reservado apenas pros que consumirem mais de vinte reais, prometo nunca mais pisar naquela porqueira ordinária. Todavia, paulatinamente, percebo que fiz essa promessa em dezenas de bodegas das quais fui, gratuitamente, escorraçado.

Aí, tiozinho, defronto-me com um infeliz dilema: ou passo fome ou quebro a minha promessa e volto naquela espelunca, com o rabinho entre as pernas, e ainda tendo que aguentar o chapéu, de braços cruzados e sorriso debochado, olhar-me com o queixo empinado, satisfeito por ver-me de volta, implorando pra que me venda uma merda de um hambúrguer e pagando em cash.

Sendo assim, é claro que os préstimos de um barbeiro não seriam distintos. Seu Luiz era o barbeiro mais próximo da minha residência. Era um velhote de quase oitenta anos que começava a ser acometido pelo mal de Parkinson. Não que eu fosse louco por ir num lugar desses, mas se não tenho tempo nem de ir ao supermercado e, corriqueiramente, gasto os olhos da cara fazendo compras na padaria aqui do lado de casa, você acha que eu teria possibilidade de sair por aí procurando um barbeiro melhor? Só tem tu, vai tu mesmo.

Aspirava livrar-me daquele bicho de pelúcia que germinou nas minhas bochechas e arredores.

Biologia não me apetece, mas, quando ia num mutilador de penugem, clamava a palavra “mitose” com a voz empostada no mais forte tom.

– Faz minha barba aí, seu Luiz.

– O que é que é, meu fio?

– FAZ MINHA BARBA AÍ, SEU LUIZ!!!

– Aaaaah... entendi.

O seu Luiz arregaçava as mangas, fazia o possível pra ajeitar as costas curvas, e levantava a assustadora navalha pro alto. É nessa parte que eu começava a ouvir a clássica musiquinha de Alfred Hitchcock tocando, ao fundo. Será que esse lazarento vai enfiar essa porra no meu olho? E, então, o seu Luiz descia o machado – ops! – a navalha.

Ele colocava o pescocinho pra trás e a linguinha pra fora, erguia a navalha acima de sua cabeça e aterrissava a mão com tudo: uuuuuuuuuuuuuooooooooommmmmm... vupt!

Conseguia atingir a proeza de arrancar um chumaço de pelagem do meu rosto, mas decepava um bocado de pele junto. Os meus olhinhos bambisticamente amedrontados não queriam ver aquela cena, mas o seu Luiz não tinha misericórdia, não me concedia clemência e golpeava a navalha novamente: uuuuuuuuuuuuuooooooooommmmmm... vupt!

O som da navalha do seu Luiz arriando parecia aquele do desenho do Papa-Léguas, à medida que o coioote despencava do abismo. E lá se vai mais uma lasca do meu semblante.

Seu Luiz podia ser velho, gagá, caduco e semimorto, entretanto não era um homem mau. Vendo o medo estampado na minha cara, usava toda a sua psicologia senil, vencida a sua catatonia, e, pra tentar descontraí-me, perguntava o que eu havia achado da vitória do Lula (estávamos no ano de 2002).

Considerando que o seu Luiz havia nascido no ano de mil novecentos e guaraná de rolha e era um fervoroso católico que odiava os comunistas ateus –

e, na cabecinha dele, Lula era comunista – eu não seria maluco de alardear que estava contente com a eleição pra presidente, pela primeira vez, de um operário, no Brasil.

Gostando eu de história e tendo ciência de que atravessamos períodos tirânicos nos quais as oligarquias subjugarão o populacho, seja diretamente, pela política do café com leite, ou, indiretamente, pelo regime militar, estava felicíssimo por um homem que veio do povo representar-nos em Brasília.

É claro que, na minha inocência, não poderia adivinhar que o Lech Walesa brasileiro diria tanto o bordão “eu não sabia”, enquanto escândalos, como o do mensalão, assolariam, mais uma vez, o nosso surrado país. Eu tinha vontade de revelar que – sem antever que essa epígrafe seria utilizada à exaustão – nunca na história desse país tivemos um metalúrgico no Poder. Contudo, não sou tão insano assim.

Se o seu Luiz já me detonava sem eu o contrariar, imagine só se falasse bem da conraindicação da Regina Duarte.

– Seu Luiz, acho um absurdo que o Lula tenha sido eleito, mas estou mais preocupado com estas prováveis cicatrizes que o senhor deixou no meu cenho.

– A sua cara tá mijando sangue, mas é normal. Isso aí sai, meu fio. Eu fui atropelado e fiquei com essa cicatriz aqui, mas já tá quase saindo.

– E há quanto tempo o senhor foi atropelado, seu Luiz?

– Quase trinta anos, meu fio.

– Toma duzentos reais, seu Luiz, mas me deixa ir embora daqui, pelo amor de tudo o que há de mais sagrado!

E foi graças ao seu Luiz, que pude ficar excitado, na frente do espelho, feito um narcisista, observando todas aquelas salientes vaginas que brotaram na minha face.

O que eu havia tentado impedir, ao não cortar a minha própria barba e procurando os préstimos de um expert, acabara acontecendo.

Mingau Ácido relaxa e goza, à moda de Marta Suplicy, já que não tem jeito mesmo.



Em verdade, em verdade, vos digo: isso serviu pra alguma coisa: logo depois do traumatizante episódio, tive que viajar pra fazer um curso, em Fortaleza. Como estava namorando sério, na época, e sou extremamente fiel, passei aqueles oito dias completamente na seca. Nada obstante, toda vez que eu ia ao toalete, podia olhar pro espelho e regozijar de prazer com as sete vaginas que o seu Luiz abriu na minha frente.

Na ocasião, até compus um versinho pra distrair-me:

Ao olhar-me no espelho

Logo vejo meu reflexo

Na falta de mulher

Com ele faço sexo.

Tão-somente eu e o espelho, no banheirinho porco daquele hotelzinho mal-apanhado. Mas estava formidável.

– Não para! Não para! Não para! Oye!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Orgulho de uma sociedade que respeita as minorias e os mais fracos**

Marcelo Garbine

No primeiro domingo de janeiro de 2014, enquanto todos os paulistanos refugiavam-se no litoral, estava eu em plena linha amarela do metrô, entre as estações Pinheiros e Faria Lima.

Eram apenas três os meus convizinhos de vagão: um homem de cerca de cinquenta anos, lendo o jornal; um funkeiro, escutando o seu MP3 – com fone de ouvido (graças a Deus) – e uma senhorinha e seus respeitosos sessenta e poucos anos, em pé, por livre e espontânea vontade, mesmo com a opção de deitar em qualquer banco ou até armar a sua barraca de camping, caso tivesse interesse.

No assento de coloração cinza, que escolhi pra sentar-me, estava escrito: “assento preferencial para gestantes, mulheres com crianças de colo, idosos e deficientes físicos. Na ausência de pessoas nestas condições, o uso é livre”.

Estando praticamente todos os assentos desocupados, não senti remorso algum ao usufruir deste banquinho.

O ar condicionado refrescava o dia quente e eu aproveitava pra compor mais uma letra de música. Tudo parecia muito tranquilo e agradável, exceto por conta da visão do inferno com a qual me deparava, todas as vezes que lançava mão do meu direito civil de olhar pra frente.

Aquela dona e os seus dignos cabelos brancos (respeite minhas cãs, rapazinho), fitava-me com semblante de poucos amigos. Os sinais do tempo, que envolviam todos os centímetros cúbicos do seu cartão de visita de anciã, enrijeciam com dobras tão profundas que me davam a péssima sensação de ter desquitado-me do meu – sempre companheiro – senhor saco escrotal.

Não entendi tamanha ira – rebeldia púbere tardia e sem causa, que chegava com mais de quarenta anos de atraso. Eu ainda me esforçava pra concentrar-me nos meus devaneios de poeta, sem deixar a minha caneta Bic brochar em consequência das espreitadelas da provável portadora de diabetes ou, com certeza, uma estereotipada e típica DIABETE, dançarina do diabo que fugiu do inferno.

Foi, então, que o transporte coletivo – acessado, por mim, em troca de três unidades da nossa moeda nacional corrente, que, por sua vez, obtive vendendo a minha humilde labuta de servidor público, ao contrário (faz-se mister lembrar) daquela velha do capeta, que adentrou gratuitamente – reduziu

a velocidade e, finalmente, desacelerou, ao passo que uma voz feminina e robótica proclamava: “estação Faria Lima” e as portas abriam-se.

A ex-mocinha, logo, dirigiu-se até a saída, esbugalhou os seus olhos acarminados e tomou-me como alvo pela última vez, berrando com classe e doçura:

– Seu aleijado! Não esquece a sua muleta, seu aleijado! – Sendo irônica, é claro, pois não tenho nenhuma deficiência física.

O que terá sido a simpática matusalém nos idos da longínqua década de setenta? Uma generosa prostituta ou uma delatora de complacentes militantes políticos da esquerda comunista? Talvez...

E, na idade fragilizada, quando chega a hora dos maus pagarem por seus erros e dos bons estarem espiritualmente evoluídos a ponto de não se deixarem atingir, ela é uma senhora imunizada.

Existe algo de errado nisto? Claro que não. Afinal, nos shoppings centers há vagas exclusivas pra idosos. Eles precisam realmente disto. É a lei do meu querido Brasil.

No último sábado anterior ao natal de 2013, às nove horas da noite, vi um velhinho de terno e gravata estacionando o seu reluzente New Beatle vermelho numa ampla vaga reservada pra idosos. Espaço este que foi gentilmente cedido por centenas de motoristas, cidadãos como ele, que rodaram meia hora por todas as dependências do estacionamento, antes de desistirem das compras natalinas e regressarem aos seus lares, frustrados.

Nada mais justo, tendo em vista que o velhinho devia ter problemas de saúde gravíssimos e aquela bela e loiríssima moça, trinta anos mais nova, de vestido preto e salto alto, que segurava a sua mão, devia ser a sua dedicada enfermeira que, tenho certeza, trocava, assiduamente, a sua sonda.

Que devemos respeitar as pessoas pra sermos respeitados, tenho certeza, entretanto, a idade não deveria ser subterfúgio, principalmente, se lembrarmos que os canalhas também envelhecem e que o preconceito também pode ser exercido às avessas.

Alguns senhores de idade e pessoas que com eles se solidarizam, buscando chamar a atenção, adoram humilhar jovens que não estão viajando nos ônibus de graça.

Termino aqui, mandando um abraço caloroso pro Orlandão Meia Noite, o apreciador de água ardente, do boteco aqui do lado de casa, que me chama, carinhosamente, de fantasma desbotado, sempre que chego cansado do trabalho.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Joga bosta na Geni porque a Silvia é piranha**

Marcelo Garbine

Fui doar sangue no Hospital das Clínicas de São Paulo, na semana passada. Na triagem, respondi as perguntas de praxe. Aquelas que a gente vai disparando NÃO a torto e a direito. Geralmente, passo essa fase muito rápido: “NÃO, NÃO, NÃO, NÃO e mil vezes NÃO”. Bato o meu recorde de não nessas dias que doo. E eu doo sempre. Mas nesse dia, acho que a mocinha que faz as perguntas tirou o dia para gozar com a minha cara. Acho que demorei uns quinze minutos pra conseguir sair da sala dela.

– Ingeriu bebida alcoólica nas últimas doze horas?

– Não.

– E você costuma ficar com os olhos fechadinhos assim, mesmo sóbrio?

– Não, só quando eu fico com sono por ter que responder muitas perguntas.

– Fez tatuagem nos últimos doze meses?

– Não.

– E essa tatuagem no seu peito, que dá pra ver pela gola V da sua camiseta?

– Fiz há 17 anos. Está bom para a senhora?

– Esteve resfriado nos últimos sete dias?

– Não.

– Mas eu ouvi você espirrando no corredor.

– É que eu tenho alergia a chatos. E não é nada com a senhora. É uma autoalergia.

– Viajou nos últimos doze meses para estados onde há prevalência da malária, como Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Maranhão, Mato Grosso, Pará ou Tocantins?



– Não, mas acho que seria mais prático se eu tivesse ido doar sangue por essas bandas.

– Quantas parceiras sexuais nos últimos doze meses?

– Poucas. Sou um cabação que quase não come ninguém. Mas juro que eu me esforço.

– Já manteve relação sexual com pessoa do mesmo sexo?

– Graças a Deus, nunca. Plagiando o Roger Moreira: eu gosto é de mulher.

– Ahahaha... você é engraçado.

– Obrigado. A senhora também.

– Você acha mesmo?

– Não.

– Por quê?

– Porque o meu sentimento agora não é de alegria, é de irritação. Estou quase tendo que espedaçar e bater o pé para convencer você que não.

– Se você fizer isso, eu vou dar muita risada e vou gostar muito. Vai ficar lindo. Você com essa cara toda séria batendo o pezinho. Mas infelizmente, nesse caso, não poderá doar sangue, pois, infelizmente, existe a portaria 153/2004, da ANVISA, que proíbe gays de doarem sangue. Ahahahahaha... mas eu sei que você não é, não precisa olhar pra mim bravo desse jeito. Você fica engraçado bravo. Ahahahahaha... Grávidas também não podem doar sangue. Você está grávido?

– É mesmo necessário que eu responda a essa pergunta?

– Não. Eu só perguntei pra sacanear você. Ahahahahaha...

– Obrigado. Não estou numa entrevista de doadores de sangue. Estou num show humorístico e sou o ator que serve de escada para a protagonista brilhar.

– É a primeira vez que saio da linha, de modo tão surreal, como agora. O mérito é todo seu, senhor Marcelo. Saiba que sempre sou muito profissional. Mas, não sei por que, senti uma energia diferente em você e quis brincar um pouco. Vai lá doar o sangue. Você é sangue bom em todos os sentidos. Gostei de você. Prazer, o meu nome é Silvia.

– E não é pra menos. Sua mãe acertou no seu nome. Faço minhas as palavras do Marcelo Nova.

– Oooooolha... eu sou funcionária pública. Isso é desacato, viu?

– Eu sei. Por isso não digo o que eu gostaria de berrar no seu ouvido, mas dou graças pelo grande cantor que já fez isso por mim na década de oitenta.

– Você não pode falar muito. Seu nome é Marcelo. Já se esqueceu da música “Tu é gay que eu sei” ou “Rap do Marcelinho”, da banda Rosa Choque? Fez sucesso no final dos anos noventa.

– Não só eu esqueci como essa música foi apagada da memória coletiva. O que é bom, como o Marcelo Nova, fica. O que é lixo é sepultado.

– Mas eu não esqueci, viu? A música dizia: “Falam do Marcelo coisa bem profunda / Casou pra disfarçar / Só pra descansar a bunda / Solta essa franga, Marcelo / Solta essa bicha, menino / Que bom ser do babado / Ser bicha é divino”.

– Obrigado por desenterrar. Mas eu nunca fui zoadado e nunca vi nenhum Marcelo sendo zoadado. Já as Silvias... A sua é bem pior: “Vive dizendo que me tem carinho, mas eu vi você com a mão no p... do vizinho. Ô Silvia...”.

Saí, enfim, daquela sala desgraçada e fui logo para o que interessava: a doação. Pensei que a minha expiação de pecados havia findado, mas logo que deitei na poltrona, senti aquela picada maldita na veia. Quase xinguei quem não tinha nada a ver com isso: a mãe da enfermeira. Soltei um “filha da...”, mas fiz uso das reticências e mantive o nível. Olhei para o crachá da vampiresca mulher e pude ler o seu nome: Geni. Quem vê o nome Geni e não lembra do Chico Buarque que atire a primeira pedra. Ou melhor, que atire a primeira bosta. Pois foi isso que aconteceu. Eu fiquei com vontade de jogar bosta na enfermeira que enfiou aquela merda de agulha no meu braço.

Fui embora daquele banco de sangue correndo mais do que barata de chinelo. Mas voltarei daqui três meses. Apesar de tudo, sei que a única forma de sentir uma satisfação plena é fazendo o bem. Só que não saía da minha cabeça a

seguinte situação hipotética: imagina só, uma mulher que nasceu lá pelos anos de 1950, 1955, que foi agraciada com o nome de Geni e teve uma filha chamada Silvia. Nossa, meus queridos! Que família duplamente agraciada! A mãe teve a chance de ser bastante achincalhada em 1978. Aí veio os anos oitenta e foi a vez da filha. Que legal!

Sorte têm as Camilas, Anas Julias e Amélias. Que foram devidamente homenageadas por Nenhum de Nós, Los Hermanos e pelo grande Mário Lago. Para as Danielas sobrou uma musiquinha meia-boca do Biquíni Cavado e as Sônias tiveram que engolir o Léo Jaime. Música com nome de mulher eu sei que vende. E crônica com nomes de mulheres? Será que vende também? Abre a carteira aí, cambada de mãos-de-vaca. Ah, também não quero mais nem saber. Agora eu quero ouvir música. Como eu tenho bom gosto, no meu MP4, ouço Lenine. Música: “Todas elas juntas num só ser”.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Das coisas que eu aprendi sobre paixão, sexo e diarreia**

Marcelo Garbine

Lá pelos vinte e sete, dava-me gosto divertir-me individualmente e não depender de ninguém pra ter amenos momentos de prazer. Apreciava um bom papo, de vez em quando, mas sem muitas delongas. Na hora de pegar um cineminha, fugia das companhias. Sozinho, eu podia folhear os segundos cadernos dos jornais e pular de sala em sala dos cines alternativos da maior capital da América Latina. E o melhor de tudo: podia fazer minhas maratonas e assistir a quantos filmes quisesse. Quem aceitaria ver cinco películas seguidas com o compulsivo aqui? Apesar de ser natural ao ser humano compartilhar aquilo que acha legal – o que ficou evidente, nos tempos modernos, com as redes sociais – eu me bastava comigo. Idolatrava tanto esse estilo de vida que, quando estava acompanhado, sentia-me carregando um fardo, por mais que gostasse de quem aturava este chato que vos fala. Via aqueles que estavam de boa, no cantinho da sala, com o balde de pipoca só para eles, e desejava estar em seus lugares. Era um estilo de vida interessante, com uma série de vantagens, mas com data de validade. Um dia, esse modelo esgotar-se-ia.

Tanto descolamento e independência chamava a atenção das pessoas. No ambiente de trabalho, tem criatura pra sentir inveja de tudo. Se você está morrendo de dor de estômago e diarreia, cobiçam a sua saída antes do término

do expediente, mesmo sabendo que você passará o restante do dia na fila do hospital ou trancado no banheiro. E até mesmo se as suas intempéries gástricas, dignas de um desafortunado acometido de desarranjo intestinal, culminassem em manifestação de violência impiedosa em forma de gás perverso, haveria quem olhasse de soslaio, apeteendo que o fluido deles tivesse um odor balsâmico como o seu. Dentro desses critérios “maravilhosos”, era óbvio que pais e mães de família, envoltos por rotinas insuportáveis, queriam ter a praxe que eu tinha, sem compromisso, sem ter que dar satisfação pra ninguém, entretanto não olhavam a desvantagem dos momentos de carência e solidão, é claro. Veem as pingas que eu tomo e não veem os tombos que e levo. Mas nem todo mundo bota olho gordo, havia aqueles que sorriam pra mim, que gostavam de mim, que admiravam os meus costumes, sem que suas bolinhas do centro dos braços fumessem de padecimento.

Foi uma dessas pessoas que começou a interessar-se por mim. Ela era descompromissada e queria continuar sendo. Amava ser livre. Nada mais natural que alguém assim manifestasse um certo affair por quem fosse solto e descompromissado.

Levei-a ao meu apartamento e curti o fim daquela tarde de outubro de 2004. Só que mal os semens foram assassinados pelo estancamento do tubo de látex, ela tirou o celular do bolso para solicitar o serviço de um taxista. Eu fiquei lá, olhando para o teto, sem entender direito o que ocorrera. A beleza da moça era

deslumbrante e despertara o poeta adormecido. O néscio de plantão fez uma música em sua homenagem e procedeu a sua gravação num estúdio.

– Desculpe-me, eu me enganei com você. Não sabia que você era tão sensível...

"Cuem, cuem, cuem, cuem..."

Apaixonei-me pela pessoa errada, ela só queria transar. Que patacoada!

E a solitude das maratonas cinéfilas deixaram de ser aprazíveis. O prazer extraordinário custou-me o sossego das alacridades garantidas.

Agora era sentar e chorar e... ai, a diarreia... havia-me esquecido dela.

Bradavam-me, a todo instante, que, um dia, eu ainda riria muito disso. Pensava eu: “então por que não começar a rir agora?”. E quem disse que eu conseguia? Eles estavam certos. O riso é a última fronteira do sofrimento. Quando se consegue rir por ser um desgraçado, está-se liberto. Mas eu só conseguia chorar e... cagar.



Por um lado seria proveitosa essa tal de diarreia. A moça que fez de mim seu objeto sexual era minha colega de trabalho. Um atestadinho médico era de grande valia para deixar de ver a cara da vagabunda por um dia inteiro. Mas eu ficaria fazendo o que na minha casa? Chorando e cagando? Eu não suportava a mim mesmo. Queria trabalhar para ter com o que ocupar a minha “oficina do diabo”.

O tesão dela era transar com colegas de trabalho e ela já estava dando pra outro. E pra pegar bem lá no fundo do meu ego, a bola da vez era um homem com um cargo mais elevado que o meu, fato que contribuía para eu me sentir inferiorizado. Não bastava ter sido um bocó por apaixonar-me por quem só queria sexo? Ainda tinha de ter duplamente o meu orgulho masculino ferido: ser trocado por outro cara e esse outro cara ser mais do que eu. Os meus dotes poéticos, nessa ocasião, não possuíam nenhuma serventia e foram reduzidos a pó. E eu sabia que podia considerar esse agravante como uma extensão do meu aviltamento. Estava com medo de colocar a cabeça para fora da toca. Tornei-me um cagão nos dois sentidos.

Apesar de atrasado para a labuta, decidi que enfrentaria. Mente comanda, corpo obedece. Vamos lá, Mingau. Avante! De qualquer forma, precisaria passar no médico, não para que me abonasse o dia, mas para justificar o atraso.

Cheguei ao hospital ressabiado. Eu devia comunicar o meu problema de forma branda para que não me obrigassem a ficar em casa. Só me interessava uma mera declaração de comparecimento.

– Qual é o seu problema?

– Diarreia.

– Forte?

– Não, fraquinha, fraquinha...

– Líquida?

– Não, sólida, densa, esbelta. Você precisa ver que diarreia camarada! É de dar inveja nos infelizes que são pegos de jeito por esse mal. Dos males, o menor.

– Que nota você dá para a sua diarreia?

– Cinco.

– Você costuma melhorar quando repousa?

– Não, não. Para mim, o repouso é indiferente. Estou em plena condição de trabalhar.

– Eu acho melhor você repousar. Toma o seu atestado de três dias.

“Cuem, cuem, cuem, cuem...”

E lá foi o Mingau pra casa desempenhar os dois citados verbos. Mas, dessa vez, rindo do próprio infortúnio, já que, dez anos mais tarde, estaria mesmo escrevendo sobre isso pra compartilhar a gama de presepadas ridículas e autorizar que rissem às suas custas.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Dona Bernardina não quer dar descarga**

Marcelo Garbine

Assistindo à TV, outro dia, deparei-me com uma declaração midiática muito comum de se ouvir: “A Terceira Guerra Mundial ocorrerá em decorrência da escassez de água no Planeta Terra. É necessário que economizemos água pra que não falte em 2044”.

Vamos aplaudir... a falácia!

É fácil compreender que o desperdício acarrete em racionamentos em determinadas regiões. Desperdiça-se hoje e arca-se com a consequência nas semanas seguintes. Mas esta água desperdiçada será aquecida pelos impetuosos raios solares, ocorrendo, assim, o fenômeno da passagem do estado líquido pro estado gasoso. Nuvens negras inundarão o céu e choverá, devolvendo a mesma água.

O ralinho do meu banheiro ainda não escoar o sagrado líquido pra outra dimensão nem pro Gigante Atlas, pros quatro elefantes e pra forte tartaruga que, juntos, sustentam o medieval mundo achatado.

Esclareça-se aos tendenciosos à confusão genérica que poluição dos rios não tem nada a ver com os chuveiros que ficam abertos além do necessário.

Putz, cara, é sério? E quem tem didática suficiente pra explicar isso pra dona Bernardina?

Ela acreditou! E está falando pro seu marido e pros quatro filhos que não é necessário dar descarga toda vez que se faz xixi.

Duas gotinhas de Pinho Sol despejadas no vaso sanitário resolvem o problema. De dez em dez xixis, ela permite que se dê a tão sonhada descarga. Mas toda vez, não. De jeito nenhum! Cocô tudo bem, mas xixi não.

O filho mais novo da dona Bernardina questionou:

– Mãe, não é melhor só deixar de dar a descarga, se o xixi sair branquinho, e dar a descarga, se o xixi sair amarelinho?

Mas a dona Bernardina é dura na queda:

– Cala a boca, moleque. Não é você quem paga "as conta" (sic).

E não é que um renomado jornalista de uma famosa rádio ecológica da capital paulista fez o favor de visitar a dona Bernardina e colher o seu depoimento, que se difundiu pelos ares e agraciou os aparelhos de rádio dos paulistanos.

Donas Bernardinas proliferaram-se como coelhos por todo o município de São Paulo e as humildes residências ficaram com o cheirinho do boteco do Sebastião.

E qual não foi a satisfação das donas de casa quando descobriram que, além de economizarem um trocadinho na conta de água e, no mesmo ensejo, contribuírem pra prevenção da Terceira Guerra Mundial, também teriam mais os seus maridos dentro do lar, pois eles não precisariam atravessar a rua pra deliciarem-se no bar do Sebastião. O sentido olfativo já dava a sensação de estar lá.

E o repórter emendou:

– Dona Bernardina, além de controlar o fluxo de água em seu próprio lar, também cobra dos vizinhos que façam o mesmo.

Dona Bernardina! Dona Bernardina! Além da senhora fazer porquice na própria casa, ainda enche o saco dos vizinhos, dona Bernardina! Vai assistir a previsão do tempo pra ver se vai chover no Saara, dona Bernardina!

Se em 2044 vai haver Terceira Guerra Mundial, eu não sei, mas a Colgate Palmolive Company não achou ruim, não. Só o retrógrado Sebastião achou ruim. É, Bastião... com uns oito fregueses a menos, vai ficar difícil pagar a conta de água...

Já encomendei uma engenhoca pro Professor Pardal: um silenciador de descarga. Assim, a discípula da dona Bernardina que mora aqui do lado não toca a campainha da minha casa pra encher o meu saco. Deixa eu dar a minha descarga em paz!

Ei, dona Bernardina! Sabia que deu na TV que comer bosta faz bem pra saúde? E a senhora vai matar dois coelhos com uma cajadada só: vai beneficiar a sua saúde e dar menos descarga ainda!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# As duas últimas Coca-Colas do deserto

Marcelo Garbine

Naquela quinta-feira, cheguei quarenta minutos mais cedo ao trabalho e passei na padaria pra tomar café da manhã. Pedi uma média com leite e um croissant, liguei o meu notebook e comecei a escrever.

Estava concentrado, mas não pude deixar de prestar atenção no diálogo da mesa vizinha. Nela, dois advogados aguardavam o início das atividades forenses. Conversavam sobre uma ação de rito ordinário em trâmite na vigésima oitava vara cível. Era um processo de indenização por danos morais.

Os rábulas, enquanto cuspiam jargões advocatícios pros quatro cantos daquela panificadora secular, fundada em 1872, faziam questão de mirar de soslaio os três candangos ignorantes que passavam a constituir público estupefato, e enfatizavam palavras estranhas ao vocábulo dos matutos.

O chicaneirinho mais moço – e mais empolgado também – repetiu as expressões “embargos infringentes” e “mandado de injunção” uma meia dezena de vezes fora do contexto, haja vista que se tratava de uma açãozinha corriqueira de primeira instância. Mas, pros que querem saborear a convenção social que denomina doutores os meros graduados, sem precisar fazer o



sacrifício de cursar medicina, aquele posicionamento arrogante é um deleite. O desprezo pelo humilde cliente era escancarado. O operador de máquinas, seu Ayrton, havia-se sentido ofendido pelo patrão, que estabelecera a rotina de revista dos empregados, todos os dias, ao fim do expediente.

Fatigado por falar de trabalho durante o desjejum, o causídico mais velho, que, ao contrário do estreante colega, já estava farto de aplausos de leigos, cortou o assunto, alegando que existiam prosas mais notórias a serem desfrutadas por dois intelectuais, sugerindo que o assunto em voga passasse a ser a repercussão da estatização de duas refinarias da Petrobrás por Evo Morales, tão explorado à exaustão naquele finado ano de 2007.

O macróbio senhor dos códigos jurídicos introduziu o novo discurso com o prólogo no qual ressaltava a superioridade de importância dos debates relevantes pra conjuntura política nacional em relação ao indigno seu Ayrton, seu cliente operário. Bom, talvez, aos doutos olhos, o seu Ayrton seja mesmo apenas um ínfimo décimo da escória dos esgotos do mais decadente bairro do subúrbio do Congo, porém, em sua carteira de clientes, havia algumas dúzias de “seus ayrtons”, que estavam pagando o cafezinho. Isto, por si só, pode parecer clichê. Pois, então, meu caro Leitor exigente, vamos alavancar o nível do nosso bate-papo (muito confortável pra mim, afinal somente eu falo).

Se não fosse por causa do seu Ayrton, ambos os juristas estariam, neste momento, confinados em seus escritórios, e não teriam se locomovido com seus veículos automotores, consumindo gasolina, pneus e freios, nem teriam pago a caixinha do frentista que limpou o para-brisas, nem dado mais uma contribuiçãozinha pro comércio de bens de consumo alimentício da região central do município, nem mandado o estagiário tirar fotocópia dos autos, etc.

Isto só pra falar do consumo direto porque o frentista do posto de combustível usou o dinheiro da gorjeta pra comprar leite pro filho, o dono do posto aumentou o faturamento e trocou de aparelho de TV, o estoque de pó de café da padaria acabou antes do tempo e o fornecedor vendeu mais – estendo o benefício ao setor primário, que elevou o plantio – os pneus do carro foram substituídos com antecedência, a lan house, que produziu as fotocópias, por consequência, demandou mais papel e toner e até contratou mais um funcionário, ...

E o vil metal foi passando de mão em mão, chegando a um vadio operador de home broker, que só fica em casa fazendo análise gráfica e especulando na bolsa de valores, comprando e vendendo ações de empresas de terceira linha, que ele chama de papéis, mas que não são mais papéis, são só impulsos eletrônicos. Mas é graças a estes impulsos eletrônicos que os ativos financeiros ganham liquidez e despertam o interesse de investidores que adquirem lotes no mercado primário, fazendo que os empreendimentos captem recursos pecuniários, gerem empregos e paguem impostos pro governo, que,

por sua vez, serão aplicados no bem comum ou contribuirão com a saúde monetária dos paraísos fiscais.

E tudo gira. O mundo é feito de seus ayrtons, que, unidos num ente abstrato, contribuem, inclusive, na hora da morte com o fluxo de caixa da funerária ou, na hora da vida, com o fluxo de caixa das igrejas pentecostais.

E o inútil do filho do seu Ayrton que só fica em casa assistindo à televisão? Inútil, não, olha o respeito. É graças a ele que existem empresas que medem o índice de audiência televisiva e patrocinadores que pagam pelo anúncio da mídia eletrônica.

E o transviado do sobrinho do seu Ayrton que andou em más companhias e optou pelas veredas da delinquência, acabando trancafiado? Também está contribuindo com a renda familiar do carcereiro e dos empreendedores que fornecem marmitex pros presidiários. E, enquanto solto, contribuiu pro desenvolvimento tecnológico da indústria de alarmes e pro crescimento da oferta de estacionamentos seguros.

E o mérito não é só do sobrinho transviado, é do cunhado viado do seu Ayrton também. Um importante elo da economia que prostitui o seu corpinho masculino nos semáforos da rua Rego Freitas e tem o poder de transferir renda

do bolso de grandes advogados que apreciam o universo do prazer transex pras contas bancárias das lojas de grife homossexual. Viado e transviado estão contribuindo economicamente a todo vapor.

Esta minha masturbação mental fez-me esquecer os dois oragos do povo, que não mais proseiam elegantemente e bebericam seus cafezinhos na longeva padoca. As cortinas fecharam-se, seus lugares foram ocupados por outros paulistanos e os três trabalhadores braçais não estão mais boquiabertos e podem cuidar de seus afazeres mais familiares e úteis.

O fórum abriu as suas portas e pra lá rumam os posudos falastrões, a cuidar dos interesses judiciais do tão menosprezado seu Ayrton. E a conversa acerca das estripulias do presidente boliviano, que não chegou a nenhuma conclusão, foi findada, sem que fosse por eles percebido que a macroeconomia é tão importante quanto a microeconomia, uma composta por poucos tomadores de decisões e a outra por milhões de seus Ayrtons! Ayrtons! Ayrtons! Ayrtons da Silva do Brasil!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **O dia em que as comichões me atacaram pela retaguarda**

Marcelo Garbine

Ainda faltavam duas horas e meia pra eu receber a resposta do Edgard sobre o horário da reunião daquela tarde. Tudo poderia acontecer. Meus passos desengonçados pela Avenida Paulista só não chamavam mais a atenção dos demais passantes porque as pessoas têm mais o que fazer. Observar um careca barbudo andando a esmo, no meio do mar de gente, não é um passatempo muito aprazível. Tanto poderia dar certo o projeto de edição do livro como não.

Em vez de ficar martirizando-me de ansiedade e reforçar a minha paranoia de olhar pro relógio de dois em dois minutos, resolvi curtir uma das atividades que mais aprecio: cinema! Não é todo mundo que pode dar-se ao luxo de pegar um cineminha em plena tarde de terça-feira. Grande coisa. Também não é todo mundo que, além de ser careca, ansioso e distraído, está sendo incomodado por um violento oxiúrus e, mesmo assim, acha que vai ter concentração pra assistir a um filme.

Resolver mais de um problema, ao mesmo tempo, dá uma sensação de alívio entusiástico. Eu poderia assistir a uma agradável película e, de quebra, coçar a

minha parte íntima, no escurinho, sem passar vergonha em público. Um vexame a menos é igual a um trauma a menos pra minha coleção. Descarrego de lembranças indesejáveis no futuro. Não que eu esteja lá muito preocupado com o que pensam de mim, mas também não preciso chutar o pau da barraca. Preservar-se, de vez em quando, pode ser divertido.

A maioria daqueles estranhos nunca mais me veriam na vida e, os que me veriam, provavelmente, não se lembrariam de mim. Mesmo sabendo disso, sou um cara metido a normal. Evito ficar enfiando as mãos dentro da calça e sacolejando pra alegria de alguns e náusea de outros.

Por coincidência – ou majestosa sincronia do cosmos – lá estava eu, aproximando-me da esquina com a Rua Augusta. Nem as minhas comichões conseguiram tirar o meu contentamento por estar cada vez mais perto da minha segunda casa.

O Espaço Unibanco de cinema (acostumei-me a denominá-lo dessa forma, desde o fim dos anos noventa, e vou continuar assim o intitulado) é um dos raros locais de São Paulo que me dão a sensação de estar mandando às favas essa maníaca obsessão de cumprimento de horários e compromissos urgentes. Quase um oásis no meio desse hospício disfarçado de cidade.

Entrei pelo beco que dá acesso às duas salas menores – as minhas preferidas – e comprei um ingresso pro filme “O Som ao Redor”, de Kleber Mendonça Filho. Na minha opinião, o melhor filme de 2013. Trinta e oito minutos até que era pouco pra esperar pela liberação da entrada à sala número quatro. Só mais dezenove espiadas no relógio, algumas requebradas pra esquerda e mais algumas pra direita pra sossegar o verme detestável, e logo estaria em pleno breu e, então, a área na qual metesse as minhas mãos só diria respeito a mim.

Olha só que loira gata! E desacompanhada! Se não fossem os invasores de nádegas, lá iria eu conversar com a beldade. Mas, hoje, não é o meu dia. Muito me darei por satisfeito se conseguir prestar atenção na tela e, é claro, se o Edgar ligar-me, mais tarde, com boas notícias sobre o livro. Ah, não! A loira não está vindo pra cá. Diga que não, por favor... Sim, ela está.

– Oi, essa é a fila pro “O som ao redor”?

– É sim, moça.

– Li boas críticas sobre esse filme. Estou com uma expectativa muito alta. – disse ela, com um sorriso convidativo.

Eu queria dizer que também estava com alta expectativa, não só em relação ao filme, como também quanto à sua presença, mas o que eu poderia dizer se a única coisa que me preocupava era não passar vergonha na frente de uma mulher bonita? Usava a técnica de entrelaçar os dedos, atrás da cabeça, pra controlar as mãos. Estava dando certo, porém a duras penas.

Meu posterior queimava, pegava fogo. Não conseguia pronunciar uma única palavra. Acho que ela começava a achar-me um idiota que não sabia o que estava fazendo lá, mas fui desmentido pelos seus olhos que reluziam. Ela parecia realmente ter gamado em mim.

– Acho que conheço você de algum lugar. Você não é escritor?

Ah, não! A última joça que eu queria numa conjuntura dessas era ser reconhecido. Quase que eu neguei, mas estava fragilizado o bastante pra conseguir incorporar um personagem.

– Sim, eu escrevo.

– Eu sabia! É você!



O guardinha se aproximou da corrente que bloqueava o acesso à sala de filme. A qualquer instante, a entrada seria liberada. Que circunstância pior haveria pro meu celular começar a berrar? Mas será o Benedito? Quem me ligaria numa hora dessas?

– Alô! Benedito? Quer dizer, Edgard?

– Por favor, poderia falar com o senhor Marcelo?

– Quem gostaria?

– Meu nome é Ângela, sou gerente do Banco (...).

– Oi, dona Ângela, agora não posso falar.

– Olá, Marcelo. Você foi selecionado por ter um perfil interessante pra um de nossos melhores produtos: um plano de capitalização!

– Dona Ângela, vou tomar isso como uma ofensa, pois acredito que só os songa-mongas fazem planos de capitalização.

– Imagina, senhor Marcelo! Você vai auferir magníficos rendimentos mensais e ainda tem a chance de ser sorteado pra um prêmio de seiscentos mil Reais!

– Por isso mesmo, dona Ângela, eu não participo de sorteios. Não gosto de ficar dependendo do fator sorte. E acho que esse produto deveria ser vendido numa casa lotérica e não num banco.

– Mas, Marcelo, o senhor não tem nada a perder. Se não for sorteado, pelo menos vai embolsar os juros.

Tenho uma dificuldade imensa em cortar conversas. Não gosto de ser indelicado.

– Dona Ângela, eu sei que os ganhos de um plano de capitalização são inferiores aos da poupança e, como se não bastasse o prejuízo financeiro, ainda existe o prejuízo moral. Vou ter que esconder de todo mundo que tenho um plano de capitalização, pois considero isso tão vexatório quanto estar com oxiúrus.

– Ahahahaha... Senhor Marcelo, sempre admirei o seu bom humor. Só de vê-lo entrando aqui no banco, eu caio na gargalhada.

– Não sei se isso é bom, dona Ângela.

– Isso é ótimo, senhor Marcelo! E você vai poder dizer a todos os seus amigos, sim, com muito orgulho, que fez um plano de capitalização com o Banco (...).

– Dona Ângela, se eu não costumo dizer em público que tenho frieira e micose, a senhora acha realmente que eu diria que tenho um plano de capitalização?

– Ahahahaha... Senhor Marcelo! Assim você me mata!

Ah, não. Eu pensei que essa havia sido a gota da água. Eu não queria matar a dona Ângela. Ou melhor... na verdade, até queria... no sentido literal, provavelmente, mas estava mais interessado em matar essa loirinha gata, que estava sorrindo pra mim, bem na minha frente, e que a dona Ângela não me deixava dar continuidade ao processo de abatimento.

Na minha mente, o único sentido de “matar” que me interessava era o de Michel Teló. Eu queria pegar e matar, no uso mais prazeroso da palavra. Mas

já fazia uma coleção de estorvos: era o Edgard que não me ligava, o meu oxiúrus que coçava pra cacete, o filme que eu corria o risco de perder, o meu receio de que a loirinha estava quase desistindo de mim e, agora, mais essa!

A dona Ângela queria entrar no meio de tudo isso pra vender-me um maldito plano de capitalização. E que pretensão era aquela minha? Quem eu pensava que era pra querer matar alguém de prazer se era eu quem estava sendo morto por uma crudelíssima coceira no fiofó? Mas era justamente esse o problema: o problema de ser bombardeado por uma combinação tão bem estruturada de problemas, ao mesmo tempo. Os fatos adversos reuniram-se, combinaram, planejaram e estruturaram toda uma rede de conspiração contra mim. E a dona Ângela era insistente...

– Senhor Marcelo, já que o senhor não quer desfrutar o privilégio de ter um excelente plano de capitalização do Banco (...), gostaria de falar sobre o nosso seguro de vida.

– Dona Ângela, eu não tenho filhos e sou solteiro.

– E daí, senhor Marcelo?

– Como e daí? Pra que eu vou querer um seguro de vida?

– Pro senhor mesmo. Se o senhor sofrer um acidente e ficar inválido, o senhor recebe o seguro de vida.

– Dona Ângela, se eu sofrer um acidente e ficar inválido, dou um tiro na minha cabeça.

(Silêncio)

– Senhor Marcelo, que triste ouvir isso de um moço tão jovem...

– Dona Ângela, eu já não sou mais tão jovem assim e, mesmo que fosse, o que adianta ser jovem e inválido?

Parece que consegui a proeza de fazer a dona Ângela dizer que o Banco (...) agradecia e que eu tivesse uma ótima tarde. E isso sem precisar ser estúpido. Bom... há controvérsias, eu sei, mas eu não perdi a classe. Isso nunca. Agora, finalmente, eu poderia conversar com a... Cadê a loirinha? Bom, quem sabe eu a encontre lá dentro da sala...

Estendi o meu ingresso pro homem de preto e postura ereta, de fisionomia exageradamente séria, que estava plantado na porta da sala quatro, alheio a toda comédia que ocorria bem do seu lado, e que só eu percebia. Naquela escuridão, era impossível identificar um cabelo loiro, por mais reluzente que fosse quando alvo de luzes advindas da iluminação da tela.

Bom pra mim. Assim não precisaria sentir-me o bunda-mole por considerar que não era uma ocasião propícia. E ainda eu poderia sentar bem no fundo, no cantinho, encostadinho na parede daquela sala de cinema pequena e vazia, como era previsível numa tarde de terça-feira.

Contradizendo o que eu dissera pra dona Ângela, agora, eu tinha dois filhos: o filme e o meu oxiúrus. E precisava dividir, igualmente, como um bom pai, a minha atenção entre os dois. Um pouquinho eu prestava atenção no filme e outro pouquinho no oxiúrus. Mas era pro oxiúrus que eu cantava a musiquinha:

– Ai, se eu te pego! Ai, ai, se eu te pego! Assim você me mata!

Na minha versão, só omitia a palavra “delícia”.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# O diabo vai chegar numa Brasília verde

Marcelo Garbine

Quando eu estava na terceira série, a professora de educação artística mandou a classe dividir-se em três grupos de doze alunos pra fazer uma apresentação de teatro pra feira do livro, que acontecia em todos os meses de agosto, naquela tradicional escola do Morumbi, bairro nobre de São Paulo, na qual eu era bolsista por ser filho de professora. A mim coube, além da função de escrever a peça, interpretar o personagem principal: um guitarrista esquizofrênico que conservava o hábito de apedrejar igrejas nas madrugadas de lua cheia.

Caraca, véio, o que é que eu queria arrumar pra minha cabeça ao dar-me este polêmico personagem?

Eu somente seria expulso daquele lauto colégio três anos mais tarde, no meio da sexta série, ao falar pro professor Antônio, de história, que compreendia bem a origem símia do homem assistindo às aulas de geografia. Ele era marido da professora de geografia.

Contudo já deixava a situação bem feia pro meu lado ao acumular problemas que carregaria nas costas por todos os anos que lá permaneceria. Como se

não bastasse o bullying sofrido por chegar todos os dias na escola numa Brasília verde 78, enquanto os coleguinhas iam de Del Reis, Santanas, Monzas e Escorts do ano, naquele segundo tempo da década de oitenta, eu ainda escolhia os caminhos mais difíceis pra caminhar pelos meus já esgotados anos perdidos da minha finada (UFA!) tenra infância.

Qualquer semelhança com os dias atuais da minha vida é mera coincidência. Nunca fui muito hábil pra decidir como me comportar. A partir de então, além de ser o pobre, filho da tia da Brasília verde, eu também era herege, abominável e escrotinho.

Uma semana e meia após a dramaturgia, fui almoçar no refeitório do colégio (estudava em período integral).

Peguei o bandejão, servi-me de suco, bife, batata frita e sobremesa, dispensando os gosmentos feijão e arroz, e sentei-me junto às demais crianças.

Não foi surpresa nenhuma ver a menina da cadeira vizinha levantando-se e mudando-se de lugar. Isso acontecia sempre. Eu só não esperava que a professora, que observava tudo à distância, interviria, tentando impedir que a Nicole concluísse o seu ato escancarado de discriminação explícita.



– Perto desse filho do diabo eu não sento, tia. Eu rezo todas as noites pra ele morrer – esclareceu convincentemente a amável coleguinha.

Estava justificadíssimo!

A professora olhou pra mim, olhou pras crianças, alimentou uma fisionomia de dúvida por alguns instantes, abriu a boca e elevou o dedo indicador em riste como se fosse dizer algo semelhante a um discurso de um Martin Luther King que defende os brancos pobres que vão pra escola numa Brasília verde e interpretam esquizofrênicos que apedrejam igrejas, entretanto... baixou o dedo, arriou os olhos e disse:

– Tá bom, Nicole.

No domingo seguinte, fui à igreja com a minha avó, que era uma católica fervorosa.

Vi uma velhinha ajoelhando-se na frente da imagem de uma santa e fazendo uma promessa.

Aí, pensei: "Será que esse negócio dá certo mesmo?".

Olhei pra cara da santa e decidi fazer a minha promessa também, mas não fui com a cara dela. Também não gostei da imagem do santo do lado... Tinha uma cara de bocó...

Achei melhor procurar um santo que tivesse mais a ver comigo. Como eu usava óculos, fui atrás de um santo de óculos. Não encontrei nenhum e voltei pra casa cabisbaixo.

Senti-me tão decepcionado que não tive nem vontade de ir à escola no dia seguinte. Fingi que estava doente e fiquei em casa.

Em plena segunda-feira de manhã, eu estava livre daquele inferno e podia fazer o que bem entendesse.

Liguei a televisão...

"Alô, criançada, o Bozo chegou trazendo alegria pra você e o vovô! Estamos trazendo muito amor. Um, dois, três e... vamos lá! Eu sou um palhaço, meu nome é Bozo. Bozo, Bozo, vamos brincar! Sempre rindo, eu e você! Suas

risadas são tão legais! Ninguém rindo igual a mim! Eu sou o Bozo, o palhaço de todos vocês!"

Ah! Com esse, sim, eu me identifico! Nesse cara, sim, dá pra confiar! Ele não se leva a sério e nem tem cara de falso moralista.

Dobrei os meus joelhos na frente do aparelho televisor e...

– Oh, Bozo, dá um jeito da situação melhorar pra mim que, quando eu fizer dezoito anos, faço uma tatuagem em sua homenagem.

E, no dia seguinte, saí de casa todo confiante. Quem diria? Eu indo pra escola todo feliz, crente que o Bozo resolveria tudo. Estava tão cheio de mim que nem me escondi. Coloquei a cabecinha pra fora da Brasília da minha mãe e deixei todo mundo me ver.

Cinco minutos depois, chegou a Nicole, todavia, diferentemente do que ocorria de costume, não era o pai dela que dirigia o Diplomata, era a mãe.

E mãe e filha estavam bastante tristes...

Logo, o colégio inteiro soube que o pai da Nicole sofrera um acidente de carro: bateu de frente com uma Brasília e teve que amputar uma perna.

– Oh, louco, Bozo! Também não precisava tanto...

A aparência daquele palhaço bonzinho não era sinistra por acaso...

Se bem que, olhando por um certo ângulo, até que seria bom pra Nicole. A patricinha que idolatrava tanto as marcas de playboy dos anos oitenta – OP, Nike, Fórum, Hang Loose, Pakalolo... – a partir de então teria a oportunidade de aproximar-se do folclore brasileiro: Saci Pererê.

Não tive coragem de pedir mais nada pro Bozo, mas temia o cara pra caramba...

O meu lado humanista fez que eu lamuriasse baixinho:

– Puxa vida, Bozo... podia ter deixado a perna do pai da menina...

O tempo passou e, enfim, eu fiz dezoito anos. O Bozo, eu não quis tatuar não... Deus me livre e guarde... mas também não tive coragem de descumprir a promessa... Sabia do que aquela coisa medonha do capeta era capaz... Ainda mais depois que ele confessou que curtia uma cocaína. Seu nariz não era vermelho por acaso e também estava explicada a cara branca.

Então, pra ficar tudo certo e em paz, eu tatuei o Pica-Pau, que estava sempre presente nos programas do Bozo, podia ser vingativo e cruel, porém não perdia a espirtuosidade.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Doutora Sandra cobra R\$490,00**

Marcelo Garbine

O que nos diferencia dos bichos? O raciocínio, óbvio. Valorizo muito o meu, por sua utilidade prática e pelo reconhecimento ao esforço e aos milênios que foram despendidos pela Senhora Natureza pra desenvolvê-lo, através das duras penas impingidas aos nossos antepassados, e entregá-lo, pra mim, de bandeja, conforme nos explica Charles Darwin.

Existe algum descendente dos perfumadinhos Adão Maurício e Eva Patrícia lendo isto aqui? Espero que não porque sou oriundo de macacos sujos e malcheirosos.

Tive a sorte de nascer no último quarto do século XX e de chegar à minha segunda década de vida surfando, empolgadamente, na rede mundial de computadores. Mas, de lá até aqui, tiozinho, foi pedreira.

Quantas vezes o homem primata, já sedentário, esmurrou a sua cachola até descobrir que não era a oração pros deuses que fazia os animais multiplicarem-se, no cercado? Era a foda animal mesmo.

E por que cargas d'água, então, protótipos de seres humanos resistem tanto em utilizar o bestunto, que levou milhares de anos pra sair do forno? O encéfalo está lá, prontinho, bonitinho, embaladinho, numa caixinha craniana relativamente segura, munido pra ser utilizado, a qualquer momento, sempre que necessário. Não gasta luz, não paga aluguel e a sua manutenção é extremamente prazerosa. Afinal, quem não gosta de comer e respirar?

O fato é que a cachimônia está sob o nosso domínio como uma sentinela. E, quando estamos sempre disponíveis, perdemos o respeito. Mulheres não estimam homens grudentos e solícitos (preciso conter-me) e os pseudo-amigos pensam que somos trouxas, quando podem contar com a gente até as duas horas da madrugada.

Talvez, seja por dada circunstância que o tão subordinado cerebelo seja tratado como um capacho desprezível por tanta gente desconhedora de sua evolução. HUUUUUUUMMM, véio, “má” dá uma preguiça...

É por esse motivo que inventaram pérolas do tipo: “quem com ferro fere, com ferro será ferido”, “quem não tem cão caça com gato”, “quem planta vento colhe tempestade”, “quem fala frase pronta é um bosta”.

Mas, infelizmente, as frases prontas vão além das petrificadas sabedorias populares que são transmitidas de geração em geração. Há muitos animaizinhos a solta por aí que precisam estocar caixotes com discursos prontos, no meio dos miolos, e liberá-los, como se fossem gases, toda vez que dirigem a palavra a outros bípedes.

Aqui, falo através do meu heterônimo Mingau Ácido, meu alter ego insuportavelmente chato, irônico e sarcástico, que batizei com outro nome e isolei-o pra fazer de conta que não sou eu de verdade. Mas quem me conhece sabe que sou sensível, romântico, poeta e acredito na humanidade e no amor incondicional. Ai!

Daí dá pra fazer uma ideia do percentual da minha renda que queimo com terapias de diversas linhas e cursos de desenvolvimento pessoal. E o custo-benefício? Espera aí... será que vai chover? Tá calor, não tá? Tá bom, não precisa olhar feio pra mim. Eu falo. É que este negócio de desperdiçar dinheiro com promessas de crescimento como ser humano, eu procuro esconder de mim mesmo. O custo-benefício é uma merda.

Um renomado doutor em neurolinguística, com dezenas de livros publicados no mercado, amigo de um amigo meu, indicou-me uma psicoterapeuta lá de Campinas (moro na capital).



Como foi indicação de um autor que aprecio e já devorei todo o conjunto de sua obra, não pensei duas vezes antes de comprometer-me a frequentar o suntuoso consultório da dra. Sandra C..., com suas estantes e cristaleiras abarrotadas de livros, sacada ensolarada e vista pro parque Taquaral, uma vez por semana, e desembolsar R\$490,00 por sessão, mais o custo do deslocamento, pra consultar-me com aquela psicóloga da linha cognitiva comportamental.

– Doutora, tem como fazer por R\$380,00?

– Vai pedir dinheiro pra sua mãe.

Tudo bem, vai ver que as respostas curtas e grossas, com mais ênfase no “grossas” do que no “curtas” fazem parte do tratamento. Vamos lá.

– Doutora, eu admiro muito o chamado “palhaço que fugiu do circo”, um menino circense que nasceu deficiente e, aos oito anos de idade, começou a desenvolver seus primeiros empreendimentos e... – dezoito minutos depois – Foi publicada uma matéria sobre ele na revista Você S/A. Ele ganhou um prêmio de empresário do ano.

Ela esticou o lábio pra baixo, só do lado esquerdo, e, sem mexer a cabeça, direcionou suas retinas ao teto:

– Ele é um CASE de sucesso.

– Doutora Sandra, eu admiro também outro empresário. Ele tinha apenas R\$48,00 pra comprar remédio pra filha dele, que estava doente, mas decidiu comprar doces pra revender. Em menos de duas horas, ele tinha, em mãos, o remédio pra filha e mais R\$200,00. Isso aconteceu há um ano e meio e, hoje, ele dá palestras pra executivos.

Ela tirou os olhos de suas próprias unhas:

– Ele é outro CASE de sucesso.

– Doutora C..., eu sonhei que era esses dois empresários, simultaneamente. O que isso significa?

Quase imperceptivelmente, ela deu uma chacoalhadinha de ombros:

– Não significa nada. Um charuto é apenas um charuto.

– Sabe, doutora, eu acho que não sou um CASE de sucesso.

Com as pálpebras exageradamente abertas, fitou-me:

– Triste isso, não é?

– Doutora, qual é o sentido da vida?

Ela afinou – exageradamente – a voz, antes de soltar mais essa:

– Ah, comer uma comidinha lá pelas três horas da tarde é bem gostosinho.

– Doutora, amanhã, é o dia D da minha vida. Vou ter que tomar a decisão mais importante que já fora exigida de mim.

– Marcos, o seu tempo acabou. Boa sorte. Na semana que vem, você me conta qual decisão tomou. Avisa a minha secretária que você vai querer CPF na nota fiscal.

– Doutora Sandra C..., o meu nome não é Marcos, é Marcelo.

– Até a próxima quinta, Marcelo.

Confesso que voltei pra São Paulo um pouco chateado. Não gosto de ficar botando defeito nas coisas, mas não era bem isso que eu esperava. Procurei não ficar pensando muito no ocorrido.

Lembrei-me, então, daquela minha ex-namorada, que, não sei por qual razão, a perdi. Tínhamos tudo pra dar certo.

Todos aqueles que me davam conselhos diziam-me que “o que é pra ser, será”. Ai!

Os espíritas disseram-me que “fui eu quem pedi pra reencarnar nesta condição”; os evangélicos, que “é a vontade do Senhor” e os ateus, que “a vida joga dados”.

Mas foram muitos espíritas, muitos evangélicos e muitos ateus que proferiram revelação idêntica. Será que eles combinaram? Não, não, forçar a barra não combina com o meu estilo.

Quando cheguei em casa, liguei pro meu amigo. Aquele que é amigo do renomado neurolinguista.

– Fala, Serjão, fui lá na psicóloga de Campinas, mas não gostei muito.

Depois de meia dúzia de segundos de silêncio, ele mandou:

– Quem entra na chuva é pra se molhar.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Eu queria morar na República Tcheca

Marcelo Garbine

Uma vez, fui fazer uma palestra e, logo no início, falei que simpatizo com o Maluf e com o PT: o primeiro porque rouba, mas faz, e o segundo porque é corrupto, mas não privatiza.

Depois da enxurrada de vaias, cri que seria esta a minha única decepção. Encerrei o discurso, após cerca de duas horas falando ao público, e fui almoçar num restaurante da mesma rua.

Sentei-me à mesa aliviado com a santa paz. Precisava desfrutar do deleite de um prato que me aprazia pra compensar a sensação de solidude neste planeta de pessoas às quais não apetece entender o universo além da circunferência rasa de um pires.

Um filé à parmegiana nadando no molho succulento não chegava nem próximo da satisfação pessoal de supor-me compreendido, contudo eu não estava em condições de exigir mais que isso... pelo menos na meia hora que viria a transcorrer.

Enquanto levava o talher à boca, minha brincadeira de fingir que o garçom era a minha babá foi interrompida de forma brusca por uma porrada na nuca que fez o garfo espetar o meio do meu nariz.

Era uma velhinha que me deu uma bolsada pra expressar o seu desprezo pela gentileza que os seres civilizados costumam ter. Ela assistira à minha conferência e levara, como os demais presentes, ao pé da letra o que eu disse, ignorando integralmente a gama de conceituações acerca de sentidos denotativo e conotativo, ironia, sarcasmo e todas as figurações diversas que a cabeça engenhosa que o Criador nos deu é capaz de arquitetar.

E eu que imaginava ser livre como uma águia, pairando sobre cérebros irmãos de caminhada, vi-me sozinho no calabouço da divagação.

Descobri que não podia usar e abusar da minha licença poética e que a raça humana é tão literal que seria bem capaz de crerem os mortais ser a República Tcheca o melhor lugar pra se viver.

Eu que não encaro esse destino cruel. Vou ter que me adaptar. Quero entrar na manada! Começo agora, pois:

Se eu fosse um país, adoraria ser a Eslováquia, pra ficar grudadinho, durante tantos anos, com a República Tcheca (como cantaram os Raimundos, nos anos noventa, fazendo uso de outras palavras: "Eu queria ser o banquinho da bicicleta...").

E por falar em música, o que significa “destilar terceiras intenções”, como disse Cazuzza em “Codinome Beija-Flor”? Se destilar segundas intenções significa querer passear pela República Tcheca, destilar terceiras intenções seria almejar ir ao Kuwait?

Por outro lado, as mulheres, com certeza, preferem visitar o Nepal.

A capital da República Tcheca é Praga, mas as tchecas não são nenhuma praga. Muito pelo contrário.

Se não me deixassem ser a Eslováquia, escolheria ser a Polônia, que fica em cima da República Tcheca.

Ser a Alemanha, não seria ruim, mas o território da República Tcheca adentra o mapa alemão e eu preferiria adentrar a República Tcheca.



Como última opção, eu aceitaria ser a Áustria, porque ficar por baixo da República Tcheca também é bom.

Já ouvi dizer que as ucranianas são as mulheres mais bonitas do mundo, mas mesmo assim eu prefiro as tchecas.

O gentílico do homem natural da República Tcheca é tcheco (ou checo) e a mulher que nasce na República Tcheca é tcheca (ou checa).

As tchecas são maravilhosas, porém complicadas. Quando nós as namoramos e estamos gostando delas, elas sempre terminam o namoro. Até a Eslováquia se separou da República Tcheca.

Na verdade, nem consigo idealizar o que seria desfrutar um refúgio na República Tcheca. No momento, enxergo-me como um arrogante argentino, ao menosprezar, de modo zombeteiro, a inteligência do brasileiro médio, no miolo deste texto.

E, se continuar sentindo-me assim, superior como os Estados Unidos se acham, vou acabar totalmente isolado do convívio social, residindo entre os “muros” da Coreia do Norte, como se eu fosse um punk inglês perto dos playboys belgas ou um playboy belga no meio de punks ingleses.

E seria arremessado aos infernos da Síria pra arcar com as consequências geradas por minhas palavras tão lusitanamente proferidas.

Buscando ser eloquente como um grego e tagarelando mais que um italiano chato, acabo sendo grosso como um espanhol e fresco como um francês, correndo o risco de terminar, então, os meus dias, sonhando com uma vida que eu acreditava que era doce na Albânia do fim dos anos oitenta (propaganda enganosa da extrema esquerda) e viajando pra lá de Bagdá, ao ficar, inutilmente, desejando ser aplaudido pelo povo em virtude de uma boa sacada irônica que tive numa palestra que ficou em algum lugar do passado (graças ao Deus louvado na antiga União Soviética) até o Kuwait fazer bico.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Filosofias afrodisíacas**

## **para convencer mulheres**

Marcelo Garbine

Naquela noite de sábado, no sarau, fui convidado a declamar a minha poesia. Foi muito bom. Tudo o que saiu de dentro de mim, enquanto estava lançado no canto poeirento do quarto, pensando estar sozinho no mundo, ia ao encontro do sentimento de tanta gente. Pensamos que somos únicos e, de certo modo, somos mesmo, até certo ponto, mas é assustador quando descobrimos que sentimentos tão íntimos são comuns ao animal humano. Por um lado, é agradável porque nos sentimos mais compreendidos e menos sozinho, entretanto, por outro, é péssimo porque perdemos aquela sensação de individualidade, da qual sentimos um orgulho besta que achamos ser o elemento diferenciador dos demais pares. Não é o ser humano que não sabe o que quer, são os sentimentos que são ambíguos demais. Ao mesmo tempo em que é tolice querer que o Universo funcione conforme as nossas próprias regras, as adversidades também não precisavam pegar tão pesado, não é Senhor Criador? Esse é o preço caro que se paga por ter um cérebro pensante e a dificuldade que se tem de encontrar pessoas inteligentes para compartilhá-lo. Surge, então, a necessidade de, como na física, adotar-se referenciais, sendo que adotá-los significa conformar-se com a imperfeição, pois ao se basear em certos parâmetros, deixa-se de lado elementos primorosos que compõem a essência do que somos e do que dá sentido para tudo. Temos a

necessidade de ser diferente, mas nos sentimos perdidos quando parece que conseguimos alcançar esse intento. Um meio termo seria ser dessemelhante, “pero no mucho”: parelho a uma minoria e díspar da minoria.

Após a última estrofe recitada vieram os aplausos. Vaidade? Claro. Se não fosse pela vaidade, não teria composto essa bosta, teria tomado cerveja mesmo. Que, aliás, é o que eu faço agora. Agora eu posso. Se eu tomasse antes, seria um relés mortal dado ao vício, mas agora eu sou um poeta aclamado e poetas aclamados podem alterar a consciência sem vulgaridade.

– Eu gostei da sua poesia.

Olhei-a de cima a baixo. Nada mal.

– Fico feliz que tenha gostado. Temia que não gostassem por não compreenderem que a personagem era o meu alter ego feminino e, muito menos, qual era o intuito da alusão à Dante Alighieri.

– Quem?

– (...)

Bem... via-se que eu estava começando a ficar chato e – digo mais – estava exigindo muito da minha interlocutora. Era uma mulher bonita, não era? Então cala-te boca. Dê-se por satisfeito. Que mania é essa de querer exigir que as mulheres bonitas sejam inteligentes também? Tem que ser o kit completo? Vai caçar sapo você também, senhor Mingau Ácido.

– Eu leio as suas poesias faz tempo, Mingau. Não imaginei que o veria em um sarau literário.

– Eu me refugio nos saraus quando o bicho pega. As relações sentimentais são complicadas.

– Ah, eu sei, você terminou o seu namoro.

– Por que todo mundo tem que saber da minha vida?

– Não sei. Talvez porque você escancare a sua intimidade escrevendo as suas crônicas em primeira pessoa, seria isso?

Acho que eu prejudiquei mal a moça. Ela não era tão burra assim. E sabia provocar com ironias.

– Você não vai perguntar o meu nome.

– Acho que não. Não quero estragar o momento. De repente o seu nome é Aparecida, Elza, Dolores ou qualquer coisa dessas anti-tesão.

– Não, pode ficar tranquilo. Tenho um nome comum, do tipo Rafaela, Patrícia, Viviane... coisa assim.

– Mesmo assim não seria bom. Depois de oito latinhas, eu preferiria que o seu nome fosse Tiffany, Natasha, Mel... algo dessa linha.

– Meu nome é Anne Gabrielle.

– Com dois enes e dois eles?

– Sim.

– Oba, esse é bom: nome duplo, ambos com letras duplicadas e terminando forçosamente com os excêntricos “Es” ao invés dos consuetudinários “As”.  
Perfeito.

– Você tá pensando que é fácil desse jeito?

– Tô.

– Podemos conversar lá no jardim...

Dei-me bem. Eu mereço. Mingau também é filho de Deus.

– Então, Mingau, você é amigo daquela ali de azul que declamou a poesia antes de você?

– Sou. Por quê?

– Apresenta ela pra mim?

– Mas...

– É. Eu gosto de meninas.

– Ah, sei lá. Agora há pouco eu estava meio triste porque não achava ninguém inteligente pra conversar. Acabei chegando à conclusão que poderia tapar esse buraco existencial com algo mundano como o básico instinto e...

– Vai chorar?

– Não chegarei a tanto, mas eu declamei uma poesia que tive que arrancar do fundo da minha alma e estava quieto no meu canto tomando cerveja, reflexivo, filosófico e você interrompeu os meus devaneios, tirou-me de dentro de mim. Eu não costumo distrair-me com superficialidades externas, mas achei que seria uma boa para não me perder tanto no mundo abstrato.

– Você quer que eu dê pra você por pena, é isso?

– Hoje eu não estou muito exigente. Eu já divago demais. Preciso exercitar a concentração no ato em si e não no que ele significa. Eu ia voltar pra casa e dormir mesmo.



– Você já me proporcionou várias horas de diversão literária. Odeio a ingratidão.

– Segundo Jean de La Bruyère, “não há no mundo exagero mais belo que a gratidão”.

– Você está usando uma frase de um moralista para pedir-me uma coisa imoral dessa?

– É dialética.

– Mingau, isso não está certo.

– Vai te catar, sua “caga-regras”.

– Agora sim você me convenceu. Odeio ser “caga-regras”. Fica mais atrás da árvore, então.

– Não importa os meios, chegou-se ao fim de alguma forma. O Universo atende-nos das formas mais inusitadas.

– Você pode parar de ser chato pelo menos quinze minutos? Já não é a minha praia e esse jardim está cheio de pedras pontiagudas. É horrível de ajoelhar-se. Ficaria um pouco mais grata a você se colaborasse comigo.

– Está bem. Eu me esforço.

– Meu cabelo está solto, fica caindo no meu rosto.

– Eu seguro o seu cabelo.

– Como você é gentil...

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# O taxista que era filho de uma quenga

Marcelo Garbine

Depois de alguns minutos, em frente ao Teatro Municipal, o táxi parou e eu abri a porta. Pensei que não houvesse mais Fuscas sendo utilizados como táxis, em pleno ano 2007. Senti algo esquisito na fisionomia daquele motorista. Eu estou atrasado para a palestra e não posso dar-me o luxo de escolher muito. Entrei no veículo mesmo assim. Aquele bigodinho fino acompanhado de um sorriso insuportavelmente sarcástico de quem pensa que o mundo inteiro é otário e só ele é esperto não estava descendo pela minha goela. Não entendia porque aquele cara não parava de revezar o olhar entre o trânsito e a minha direção. Seu globo ocular não parava quieto, parecia um sono R. E. M., só que com os olhos abertos. Eu tentava permanecer concentrado na leitura do livro, mas aqueles olhos ficavam, vez por outra, fitando-me, como se quisesse pescar alguma coisa.

– Que livro é esse aí na sua mão?

– O Segredo.

– Ah, esse aí que é aquele livro que promete sucesso e dinheiro para pessoas fracassadas?

– Cada um olha as coisas pelo ângulo pelo qual lhe é mais familiar...

– Você conhece alguém que ficou rico lendo esse negócio aí?

– De certo modo, sim.

– Ah, então ele guardou muito bem esse segredo, não é?

Meu Deus, esse homem deve sofrer, parcialmente, de paralisia facial. Ele só sorri com um dos cantos da boca... – pensei.

– Senhor taxista, pode dar-me um cartão seu? Quero sempre usufruir dos préstimos de um profissional bem sucedido.

O “sincero-man”, uma espécie de versão maligna de Jorge Kajuru, rasgou a ponta de um pedaço de um exemplar da semana passada do Metrô News – jornal de distribuição gratuita de São Paulo – rabiscou uns garranchos e estendeu para mim.

– Vitório Bom Sucesso?

– É o meu nome.

– É por isso que o senhor despreza tanto esse livro... com um nome desse, quem precisa?

– Esse seu livro é excelente para ficar rico. Os autores ganharam bastante dinheiro com ele.

– Algumas pessoas da minha família também.

– Você tem família?

– Ué! Por que a surpresa?

– Pela sua cara de infeliz, achei que não tivesse.

O trânsito de São Paulo estava aquela maravilha de sempre. E eu, morrendo de vontade de fazer o que mais ninguém pode fazer por mim...

– Senhor Bom Sucesso, eu preciso tirar água do meu joelho, vou aproveitar que está tudo parado e ir naquele jardinzinho ali.

– Vai lá, meu caro, porque por mais que seja grande a sua força de vontade, o universo não trará um banheiro até você.

Comecei a forçar o trinco da porta do Fusca, que parecia emperrada.

– Vai! Com força e pra cima!

– É isso aí, senhor Bom Sucesso!

– Ahahahaha... não se empolgue, moço. Estou referindo-me ao trinco. Você está mesmo fissurado nesse livro. Que dó de você...

Fica difícil concentrar-se numa atividade tão natural para o ser humano, quando alguns engraçadinhos, que estão parados no trânsito, querem divertir-se às suas custas, gritando da janela do carro, se você pretende que naquele jardim nasça um pé de erva mate quente, pronto para beber, tendo em vista a

temperatura da água com a qual as plantas estão sendo regadas. Ah, vai pro inferno!

– Pronto, seu Vitório, toca o barco.

– Pra falar a verdade, até que eu acho os livros de autoajuda uma boa. De repente, se a pessoa não tem dinheiro pra pagar uma psicóloga e não tem com quem conversar... a autoajuda pode estar ajudando.

– Eu li alguns livros que ensinam a arte de enriquecer e consegui amealhar cem mil reais, em dois anos, aplicando na bolsa de valores.

– Ah, isso funciona mesmo. Sempre que a minha mulher enche o meu saco, dizendo que está com dor de cabeça, eu dou uma pílula de farinha pra ela e ela fala que está bem melhor.

– Geralmente, as coisas estão na frente do nosso nariz e não a percebemos. Alguns profissionais escrevem livros para ajudar-nos a ver isso.

– Está certo. Sua riqueza existe, mas está no mundo espiritual, por enquanto. É isso que os autores do livro ajudaram você a perceber?

– Há muito o que se refletir sobre suas palavras, seu Vitório. Vou pensar nisso, hoje, enquanto estiver tomando banho.

– Você toma banho?

– Hoje, eu pretendo, se conseguir chegar em casa antes das dez da noite porque estou morrendo de sono.

– Está certo, meu filho, de vez em quando é bom...

– Como assim de vez em quando?

– Não tente tapar o sol com a peneira, rapaz. Fica tranquilo, você está mostrando-se coerente. Ficar um tempo sem tomar banho é uma boa técnica. Você deve se sentir importante quando, enfim, toma.

– O tempo é muito escasso: ou eu limpo a minha casa ou eu tomo banho.



– É um problema fácil de resolver: como você tem cara de quem vive em Marte, deve ficar pensando na morte da bezerra e demorar no banho. Então, é só deixar a porta do seu banheiro aberta. O vapor do chuveiro não vai deixar a sua casa brilhando, mas vai dar uma boa limpadeira. Como eu suponho que a sua casa deva ser pequena, o vapor vai abranger todos os cômodos. Melhor do que nada pra quem vive no chiqueiro.

– Eu já faço isso. Tomo, sempre, banho com a porta aberta.

– porque está quebrada. Eu aposto.

– Senhor Vitório, eu vou descer aqui mesmo. Foi um prazer conhecê-lo.

– O prazer foi todo meu, amigo.

– Ops, desculpe-me por ter pego na sua mão, esqueci da paradinha que o senhor deu pra mim.

– Não é uma falha difícil de se perdoar, se eu pensar que também não devia estar cumprimentando você.

Ao lado do câmbio, pude ver uma revista pornográfica da década de 60.

– Como o senhor faz para não imaginar que essas mulheres já são avós?

– Uma bela mulher será sempre uma bela mulher.

– Principalmente quando congelada em uma imagem de fotografia, senhor Bom Sucesso.

– Ei, não diga isso. Elas merecem respeito. Como você mesmo lembrou, são senhoras, mães de família.

– Com filhos que dirigem táxi.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Cheguei ao cume do sucesso!

Marcelo Garbine

Eu sempre quis morar numa casa em que eu pudesse ouvir os passarinhos cantando, pela manhã, mas eu nunca imaginei que fosse ficar com ódio desses desgraçados. Eu só queria dormir mais meia hora, só isso. Vai cantar alto desse jeito no raio que o parta. Os primeiros raios de sol entram pela fresta da janela do meu quarto e eu me recordo do sonho que tive nessa noite. Sonhei que o Mingau Ácido fazia muito sucesso. Eu usava traje de alpinista e galgava uma montanha. Enquanto subia, uma torcida de milhões de pessoas, que desafiavam o sol, correndo o risco de prejudicarem as próprias vistas, olhavam para o alto, viam-me vencer cada centímetro quadrado daquela montanha escorregadia e gritavam: “Mingau! Mingau! Mingau!” Eu chegava ao ponto mais alto da montanha, que também é chamado de cume, e levantava os braços. Esse simples movimento já era o suficiente para levar a multidão ao delírio. Todos olhavam para cima e viam-me no cume da montanha.

Sonhos todos temos... o que muitas vezes nos falta é fôlego para correr atrás. O solavanco das ironias com as quais nos defrontamos pelo caminho chacoalha demais, principalmente porque não somos um só. Uma parte da gente sempre quer uma coisa enquanto a outra parte quer outra. Eu, como poeta, sempre quis acordar às seis horas da manhã, ao canto maravilhoso desses pássaros, olhar nos olhos do meu amor, durante o café da manhã, e

compor mais uma bela poesia, em todos os nasceres de sol... mas o lazarento do Mingau Ácido só quer dormir mais meia hora. Assim fica difícil correr atrás dos sonhos.

Sinto-me molhado... Mijando na cama nessa idade, Mingau? Não, eu não mije na cama. Isso é sangue proveniente do meu fiofó. Eu estou com um problema de hemorróida e um conseqüente sangramento anal. Bela forma de pôr fim aos meus devaneios esquizofrênicos. Vamos ao médico, então...

Fiquei com vergonha de falar, durante a triagem, que eu estava “conversando com o chinesinho”, o “Ku Shai Shang”. Logo estava eu na sala de uma linda médica, recém-formada.

– Doutora, eu disse para a enfermeira que estava com dor de cabeça porque me senti constrangido...

Ela arregalou os belos olhos verdes e fingiu estupefação para consolar-me, mas, no fundo, ela só queria que eu continuasse falando para divertir-se com a minha desgraça. Li o livro “O Corpo Fala” de Pierre Weil e Roland Tompakow. A boca da jovem médica abriu-se para sincronizar com os olhos. A moça escolheu a profissão certa, era uma péssima atriz. Sua fisionomia exalava sorriso sarcástico.

– Eu posso examinar você?

– Pode, né...

Deitei de bruços, na maca, conformado, achando que esse era o auge da humilhação que eu teria de passar naquele dia. Doce ilusão...

– Você se incomoda se eu chamar a minha colega para que ela me ajude a examinar você?

Ela tomou o meu silêncio como um sim...

A sensação de ser o protagonista de um circo de aberrações não acabou por aí. Ainda havia o encaminhamento para o proctologista... De novo, de bruços, na maca... que merda...

– Tudo bem, Marcelo, pode erguer a calça e sentar-se à minha mesa. Quantos anos você tem?

– Trinta e sete.

– Casado ou solteiro?

– Solteiro.

O médico levou a mão fechada à boca e pigarreou.

– Eu sou macho, doutor, se é isso que o senhor quer saber.

– Ah, tá.

– Posso ir embora?

– Eu interrogo o paciente dessa forma para ser sutil. Chega-se à conclusão pelas evidências.

– A minha resposta não serve de base para evidência nenhuma, doutor. Eu sou um “bon vivant”. Graças ao fato de ser solteiro e não ter filhos, pude passar o fim de tarde dessa segunda-feira brava jogando boliche. E, por falar em

evidência, quem é o senhor para falar alguma coisa? Olha esse adesivo do Village People estampando a sua agenda. Que coisa linda...

– Para com isso, eu uso barba. Já viu viado com barba?

– O pior que já. Hoje mesmo, na saída do boliche, havia vários travestis com barba. Era uma visão do inferno. Um gritando “aê, mano!” para o outro, do outro lado da rua.

– Pediu o seu dinheiro de volta?

Deixa pra lá. A minha situação coloca-me em desvantagem. Quem vai levar a sério um homem que expele sangue pelo rabo?

Vou pra minha casa dormir. E, quem sabe, continuar o sonho de sucesso da noite anterior. De uma certa forma, já consegui realizar uma parte do meu sonho: Todos, no cume, olhavam...

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Vinicius não quer ovo de páscoa

Marcelo Garbine

Deixa eu ver que livro eu trouxe... Hum... nada mal: Nelson Rodrigues, “Elas gostam de apanhar”. Saí, às pressas, de casa e nem havia notado qual obra eu havia lançado para dentro da minha mochila surrada. Um livro de contos é o ideal para matar os torturantes minutos numa sala de espera de oftalmologista. Tirando a velha senhora, com o seu netinho, que me olhara com fisionomia de escória de esgoto em estado putrefato e mudara de lugar, pondo-se mais cinco assentos de distância desse que vos escreve, não existia mais nada rançoso no recinto. O clima estava leve. Um livro e ar para respirar era tudo o que eu precisava. Após algumas linhas percorridas e o fim do doce silêncio, minha atenção teve que começar a ser dividida entre as célebres páginas publicadas em 1974 e a atual conversa entre uma sábia criança de uns cinco anos e sua zelosa vovó, exatos quarenta anos depois.

– Vó, por que o coelhinho me deu esse ovinho de chocolate?

– Porque é páscoa.

– O que é páscoa?



– Quem é esse barbudinho aqui da foto? A vovó já não falou que o nome dele é Jesus? Então, a páscoa é uma festa pra mostrar que a gente gosta de Jesus.

– Quem não come chocolate não gosta de Jesus?

– Cadê o seu brinquedo? Vai brincar, Vinicius.

– Coelho bota ovo de chocolate?

– Não, Vinicius. É a galinha que bota o ovo. O coelho espera a galinha dormir, vai lá no galinheiro, pega os ovos e coloca chocolate.

– O Jesus sabe que o coelho da páscoa é ladrão?

– Você tomou o seu leite, hoje, de manhã, Vinicius?

“Sábio Vinicius” – pensei. Talvez sua precoce inteligência seria melhor aproveitada se o primeiro barbudinho para quem ele tivesse sido apresentado fosse Karl Marx. Trinta anos atrás, não tive uma sorte muito diferente daquela

inocente criança. Na idade do Vinicius, eu queria saber por que existiam tantas religiões se Deus era um só. Queria que me levassem, a cada final de semana, em uma igreja diferente, para descobrir qual falava a verdade. Mas a minha mãe não deixou: “Quando você crescer, você faz isso, enquanto você for criança, você é CA – TÓ – LI – CO”. Enquanto proferiu a sentença que vigoraria para o restante dos meus dias pueris, seu dedo apontou, em riste, bem para o meio do meu nariz. Tive que engolir o abuso do mátrio poder. Fazer o quê?

Aos meus oito anos, na segunda série, a professora tia Márcia, durante a aula de Estudos Sociais, mandou que abrissemos o livro numa página em que estavam dispostas duas gravuras: a gravura “A” era um terreno árido e inclinado. A gravura “B” era um terreno arado e plaino. A pergunta que vinha abaixo era: qual dos dois você escolheria para fazer a sua horta? Todos os alunos tiveram que responder a questão oralmente, após redigi-la, um por um, diante de toda a classe. Depois de uma meia-dúzia de fedelhos convocados, foi a vez do mini Mingau Ácido:

– Marcelo, qual dos dois você escolheu?

– Óbvio que seria o terreno “B”, mas se deve levar em consideração uma característica muito interessante do terreno “A”: a sua inclinação. Talvez isso

seja proveitoso para a irrigação, levando-se em conta que a água despejada sobre a plantação, no topo, escorreria para as demais áreas.

Claro que não usei “ipsis litteris” essas palavras. Respondi justamente isso com o vocabulário de um menino de oito anos de idade. Mas a tia Márcia não gostou nem um pouco.

– Marcelo, que bobagem é essa que você escreveu aí? Você escolheu o “A” ou o “B”?

– Escolhi o “B”.

– Então apague a sua resposta e refaça. Seja mais objetivo. Beatriz, qual você escolheu?

– Escolhi o terreno “B” porque a terra é fofinha e boa para plantar.

– Isso mesmo, Beatriz. Perfeito. Parabéns.

– Eu respondi a mesma coisa, tia. – disse o menino que sentava atrás da Beatriz.

– Parabéns, Henrique, você também é muito inteligente.

Apaguei a minha resposta e fiz minha as palavras da Beatriz e do Henrique.

– Quem escolheu a gravura “B”?

A classe toda levantou a mão, inclusive eu.

– Alguém escolheu a gravura “A”? – perguntou a tia Márcia, olhando de rabo de olho para mim.

Ninguém levantou a mão.

– Ah, bom. – finalizou a pedagoga.

No fim da tarde, naquela nobre escola em que os estudos eram em tempo integral, era a hora do livro. Cada criança escolhia um livro e lia. As opções não

eram muito interessantes. Eu não queria ler “O tatuzinho feliz” nem “Rita foi para a escola”. Eu preferia o livro que eu li, uma semana antes, na casa do meu primo: “A revolução dos bichos” de George Orwell.

– Muito legal esse seu livro. – eu disse para o meu primo, quatro anos mais velho.

– Legal nada. É um livro idiota. Porco não fala. – ele respondeu, bravo.

Depois de alguns anos, descobri que se tratava de uma crítica ao totalitarismo. Não entendi tudo no momento em que li, com oito anos, mas o conteúdo evoluiu concomitantemente ao meu crescimento e amadureceu junto comigo. Foi muito mais proveitoso do que os ensinamentos prontos que eu fui obrigado a meter pra dentro de mim, impostos por uma sociedade decadente, com sérias dificuldades para atualizar os seus métodos pedagógicos. Se eu tivesse um exemplar desse livro, aqui comigo, daria de presente de páscoa para o Vinicius, mesmo sob os olhares tortos da sua avó.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Professor Ruy desce para o inferno

Marcelo Garbine

Ao contrário do gato Garfield, eu não tinha nada contra as segundas-feiras, mas desde fevereiro que eu estava enfezado (cheio de fezes) com o – oficial – segundo dia da semana, mas que, cá entre nós, sabemos que de segundo não tem nada. Quem inventou que os dois dias da semana em que descansamos e nos divertimos são, respectivamente, sétimo e primeiro, cheirou cola. segunda-feira é o primeiro dia da semana, cacete! O motivo do meu descontentamento com o dia preferido do Bom Bandeirante Paulistano (vai à merda, Mingau) eram as aulas do já finado Professor Ruy K. (que Belzebu o tenha). No insosso ano de 1999 (não aconteceu nada de bom pra mim naqueles 365 dias), o Professor K. lecionava econometria (estatística aplicada à economia). E não era por isso que eu o odiava. Não fora ele quem escolhera qual curso superior eu faria. O Problema do mestre – mestre não, graduado, porque ele era da época em que não se exigia mestrado para os professores universitários e, quando começaram a exigir, faltavam poucos anos para ele se aposentar e resolveram deixá-lo por lá mesmo – era que ele passou a maior parte de sua vida num mundo ainda bipolarizado por Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Ele não sabia pensar de outra forma e, mesmo faltando menos de um ano para o século XXI, seu hobby preferido era cutucar as viúvas de Karl Marx (e eu era uma delas). Entrava eu no jogo do velhinho e dava os meus chiliques em sala de aula. E achava lindo. Contava o catedrático da velha guarda que, na época do regime militar, um aluno,

descontente com sua nota na prova bimestral, se vingou dele o denunciando como comunista para o DOI-CODI (aliás, esse nome DOI-CODI soa como algo tão intelectual, mas se é coisa de polícia, não pode ser intelectual). Ele foi capturado na saída da faculdade, encapuzado e levado para os porões do DOPS. Interrogado por dois milicos, o professor começou a ficar nervosinho. Percebendo que haviam cometido um engano, propuseram soltar o docente e lhe dar o dinheiro para o táxi, mas Ruy K. não aceitou a oferta e, batendo perninha, fez os dois homens levá-lo até a casa dele. Após os pedidos de desculpas, despediram-se dele. Mas K. objetou e obrigou os valentes belicosos a adentrarem sua residência e explicarem tudo à sua esposa, que jamais acreditaria se a história fosse por ele contada. É... é uma historinha interessante e seria mais interessante ainda se Ruy a tivesse contado apenas uma vez, mas aquele velho gagá contava as mesmas histórias todas as aulas. O conteúdo programático que se danasse. Um professor picareta que enrolou uma classe o ano letivo inteiro. Entretanto, tio Ruy não era tão mal assim. Escolhia uma aula do bimestre para expor vinte e cinco minutos da disciplina curricular, assim, havia o que perguntar na prova. E se um aluno fizesse uma pergunta? O espertalhão preceptor ficava elogiando a sábia pergunta do instruído universitário durante dez minutos e dizia que seria mais produtivo se a dúvida fosse sanada na biblioteca da faculdade, pois se ele desse a resposta de mão beijada, o aluno não cultivaria o hábito de pesquisar e não assimilaria o conhecimento de um modo muito produtivo. Era um perobento fora de série. Idolatrar o livre comércio e vomitar em cima dos filhos de Trotsky não eram os únicos passatempos daquele tagarela dos púlpitos, ele também gostava de deixar claro que a imunidade dos endinheirados era uma característica

normalíssima do sistema no qual quem pode mais chora menos: “que se revoltem os fracos e os porcos que chafurdem na lama, mas não existe nenhum rico atrás das grades no Brasil”. Minha face ruborizava de ojeriza e uma rajada de metralhadora ficava engasgada no meu gogó: não era que o desgraçado estava certo? Comecei a rezar todas as noites, pedindo encarecidamente que só um, apenas um FDP de um rico fosse parar no xilindró, só para que eu pudesse ter o prazer de calar a boca do maldito discípulo de Adam Smith. Minhas preces foram atendidas e, na câmara de vereadores de São Paulo, veio abaixo o fraudulento esquema de Hanna Garib e sua trupe. Era o desmantelamento da máfia dos fiscais (meus textos são um show de atualidades), no qual quase todos os vereadores estavam envolvidos. O episódio foi tão revoltante que o Jornal da Tarde distribuiu adesivos para automotores com os dizeres “eu tenho vergonha dos vereadores de São Paulo”. Eram todos profissionais do assalto aos cofres públicos, com exceção de um amador. O nome dele: Vicente Viscome. Seu curral de votos era a zona leste da cidade e seu patrimônio contava R\$16 milhões (valor estimado, na época, e não atualizado). Políticos ladrões são facilmente digeridos pelo aparelho digestivo dos brasileiros, mas arrogância não! A arrogância estraga tudo. Pode levar a minha carteira, mas não olhe no fundo dos meus olhos e me diga que és um excelente trombadinha. Isso ninguém admite. Até os artistas brilhantes e as mentes acima da média perdem o encanto quando um homem deixa a altivez do ego subir à cabeça e emite, desdenhosamente, aquele sorrisinho soberbo. Ninguém suporta. Vicente Viscome fez isso. Após conseguirem, heroicamente, barrar mais uma abertura da CPI da máfia dos fiscais, todos os malandros vereadores quedaram-se humildes, menos o



senhor Vicente Viscome, que começou a gargalhar adoidado e fazer gestos obscenos no meio do plenário. Aquela imagem foi exaustivamente reprisada em câmera lenta e o paulistano médio ficou com sangue no zóio. Atendendo ao clamor do populacho, um repórter global foi perguntar a Viscome o que havia ocorrido. Viscome respondeu: “A corrupção existe mesmo. Desde quando eu era criança, eu já ouvia falar em corrupção.” Viscome, Viscome... um malandro deve ser inteligente, Viscome... malandro burro é a coisa mais feia que há. É desnecessário lembrar que, de uma violenta porcentagem dos 55 vereadores que estavam envolvidos, Vicente Viscome foi o único a vestir o macacão e a boina com faixas horizontais pretas e brancas, com um número de três dígitos estampado no peitoral da pomposa vestimenta. Quase que eu fiquei com dó do Viscome. Com aqueles olhinhos baixos, frágeis como os de um cervo diante da mira da espingarda de um caçador, ele se perguntava por que só ele havia tomado na tarraqueta. Mas o meu maior prazer não era vislumbrar aquela cena tão rara no Brasil Capitalista de Todos os Corruptos, era sim saber que, naquela segunda-feira, finalmente, eu iria poder disparar os projéteis que estavam entalados na minha garganta desde o princípio de fevereiro de 1999. Iria ser um alívio tão grande e seria ótimo para as minhas entranhas. Mas... “Coração de Estudante” de Milton Nascimento, começou a tocar como música de fundo quando eu entrei na sala de aula. Professor Ruy K. expirara... Parem essa maldita música! Quando eu tinha oito anos de idade, eu já tive que escutá-la a tarde toda naquele dia 21 de abril de 1985, na antiga TVS de Silvio Santos, enquanto a câmera filmava sem parar aquele aviãozinho sem graça. E eu ainda perdi o programa do Bozo. E agora, quem seria alvo dos projéteis que eu estava pronto para disparar? Calma, calma, Marcelão, vamos serenar a

fisionomia, assim como o restante dos corpos docente e discente, e lamentar a morte do digníssimo mentor da educação que, naquele momento, estava defronte ao generoso Satanás, que lhe dava a opção de escolher entre inferno capitalista e inferno comunista. “E qual é a diferença?”, indagou o Professor Ruy K. “Quase nenhuma”, respondeu o capeta, “apenas que no inferno comunista existe racionamento de lenha”.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# Sexo ou livro? Eis a questão...

Marcelo Garbine

## I – Definindo a prioridade:

Ê, laiá! Lá vou eu de novo! Que droga! Detesto ir ao banco. Com toda a tecnologia de hoje e ainda há pepinos que não podem ser resolvidos pelo telefone ou pela internet. Dou graças por essa agência bancária ficar ao lado de uma livraria...

Larguei todos os meus livros na casa da Vanessa. Enquanto ela não quiser atender-me e todas as minhas tentativas de contato forem arremessadas pro diabo da caixa postal, eu não conseguirei pedir pra que os deixe na portaria do condomínio pra que eu passe lá e resgate-os. É uma boa oportunidade pra comprar livros fresquinhos com cheiro de tinta de impressora.

Perdi a minha namorada e todo o meu acervo literário – o último, temporariamente, assim espero – mas não perco o vício de tentar achar, tipografados, despejados em papéis que, um dia – assim como eu – ao pó irão retornar, ensinamentos da salvação, que me apontem rumos inexplorados pra redirecionar a minha dispersa existência na Terra.

Finjo não ter consciência de que a resposta está aqui mesmo, dentro de mim, bem na frente do meu nariz, e teimo em caçar doutrinas em calhamaços amarelentos e infectados com micróbios. É um método intelectualoide pra ser medíocre como qualquer outro mortal, porém mascarado, escondido atrás de

volumes de páginas empoeirados. Por isto, eu sinto mais a falta dos meus livros do que da Vanessa.

Dizem que não devemos colocar a Vagina num pedestal. Lidar com a Vagina como algo trivial e corriqueiro é a melhor estratégia pra preservá-la como sua.

Se dermos muita importância a Ela, perdê-la-emos, pois a Vagina odeia ser idolatrada como Deusa com tanta chatice. Então, a partir de agora, chamá-la-ei de vagina – com letra minúscula – pra ver se conservo a próxima com a qual tiver algum affair.

Caso a vagina perceba o meu desprendimento, sentir-se-á rejeitada e esforçar-se-á pra ser minha... só minha! Joguinhos e desafios é o que elas querem, portanto é isto que lhes oferecerei, por mais idiota que eu considere este entretenimento. O prazer sexual – de forma intrínseca – nunca vai ser suficiente. Brincaremos, pois.

Entretanto, vamos por ordem de relevância: primeiro o meu livro porque não quero ter crise de abstinência. Minhas mãos já estão começando a tremer...

\*\*\*\*\*

## II – Trabalhando pra solucionar o dilema:

Quase chegando ao banco, passo pela porta da livraria.

– Moça, tem livro do Donald Trump? – indago à balconista loira.

Ela digita no sistema de busca apenas a palavra que conhece a grafia, que, obviamente, é a primeira. Nos resultados, somente links pra Pato Donald.

– O livro que você procura é da Disney, moço? – interrogou-me, quase zurrando.

Oh, dúvida, cruel! Tenho de responder em conformidade com o meu desejo ou empenhar-me pra ser simpático? Saco preso na gaveta dói menos...

Esquece o Trump. Nunca aprenderei a ficar milionário lendo as teorias dele. Só vou ajudá-lo a enriquecer mais.

– Moça, vê se tem "Pai Rico, Pai Pobre", do Robert Kiyosaki. É K – I – Y – O – S – A – K – I.

Ela é lerda pra pensar e pra digitar. Sai catando milho no teclado. Digita o K, depois de quatro segundos digita o I e depois de mais quatro segundos digita o Y.

– É K – I – Y e mais o que, moço? – relincha repetidamente a loiríssima.

– K – I – Y – O – S – A – K – I – digo, com o meu estoque de paciência já indo pro beleléu.

– K – I – Y e? – insiste a limitada, como se um mantra fosse.

– Olha, moça, a julgar pela sua encantadora beleza física e precária capacidade racional, eu diria que, com você, ficaria apenas no K. Y. mesmo.

Presumi que ela entendeu o que eu disse como um elogio, pois estampou um sorriso animado e agradeceu. Calculei que, despretensiosamente, havia-me dado bem e dei sequência:

– Você é uma mulher exuberante.

Ela mostrou seu rosto enfurecido:

– Se eu sou exuberante o problema é meu! A exuberância é minha!

– Calma, moça! Não confunda exuberante com ignorante. Eu quis dizer que você é charmosa.

Ela sorriu novamente:

– Ah, sim! Obrigada!

Dei-me conta de que estava perdendo o meu tempo. A Carla Perez pobre não fazia o meu tipo. Sua inteligência quase ausente era irritante demais. Não que eu fosse levar a G. B. R. (gata de baixa renda) ao motel pra inquiri-la acerca do Teorema de Pitágoras, mas me interessa o “antes” e o “depois”.

E, como prometi pra mim mesmo, não mais reservaria à vulva um lugar no auge das minhas cobiças. Portanto, não poderia fazer um sacrifício tão grande assim por uma.

– Moça, este estabelecimento tem muita sorte por tê-la como vendedora devido à sua suprema sapiência, mas não vou mais querer o livro. Muito obrigado.

Parafraseando Raul Seixas, saí pela tangente, disfarçando uma possível estupidez. Ao retirar-me do recinto, observei que a sumidade abandonara, em cima do balcão, uma revista Caras. De maneira evidente, era um objeto pessoal dela, pois a loja não comercializava esses excrementos.

Contudo, lembrei-me de que não havia feito ainda a minha boa ação do dia, então surrupiei aquele exemplar erudito com o intuito de fazer um favor pra

beldade. Senti-me como se estivesse tirando um doce de um diabético ou uma arma de perto de um suicida. Enrolei a réstia e envolvi-a em minha axila esquerda. Aí sim, logrei êxito em sair satisfeito daquele prédio comercial, que estava precisando tomar um pouquinho mais de cuidado nas entrevistas de contratação de seus funcionários.

\*\*\*\*\*

### III – Dando com o burro na água:

Havia de ir ao banco sem livro mesmo. Se houvesse fila, ainda restaria o meu cocuruto meditando e a probabilidade de descolar um papo agradável com o infeliz da frente ou com o infeliz de trás, que, assim, como eu, penavam as amarguras de aguardarem a sua vez, numa fila do cão.

Uma fêmea com uma constituição carnal luxuriosa estacionou o seu Citroën C3 vermelho e adentrou o banco. Passei ao lado do automóvel e avistei a obra "Capitalismo, Socialismo e Democracia" do economista austríaco Joseph Schumpeter no assento traseiro. Cri que já tinha com quem conversar na fila. Ingressei no ambiente devagar e posicionei-me bem atrás dela.

Engraçado... aquela roupa espalhafatosa não combina muito com uma mulher que lê Schumpeter.

– Moça, o livro que vi no seu carro despertou a minha atenção.

– O livro não é meu, é da minha irmã.

– Ah, é? E a sua irmã é assim tão linda como você?

Ela fixou a retina em mim com um semblante mais ou menos triste:

– Minha irmã morreu.

Ai! Duas decepções! A primeira foi descobrir que não se tratava de uma mulher escultural e instruída. Estava muito bom pra ser verdade... A segunda foi ter reparado que, mesmo que eu quisesse algo, ficaria difícil manter o clima do diálogo.

Fiquei meio sem ter ideia de como reagir, então externei a primeira bobagem que veio ao meu crânio:

– Os discípulos de Schumpeter são denominados schumpeterianos. Se você acreditar em reencarnação, saberá que, logo, sua irmã nascerá novamente e será um gracioso bebê com uma chupeta na boca, uma autêntica chupeteriana.

Ela me encarou com uma fisionomia tão grave que me deu vontade de enfiar a minha cara num buraco. Deduzi que havia falado a maior merda do mundo. Abri a minha boca pra tentar emendar alguma coisa que me arrebatasse, todavia, antes que as minhas cordas vocais mandassem pra fora qualquer som, ela esbugalhou os globos oculares tresloucadamente e lançou a cabeça pra trás com ímpeto. Imaginei que ela fosse ter um ataque ou algo similar, mas ela deu um grito:

– FAZ SENTIDO!

... E caiu na gargalhada.



Meu Senhor! Não era uma aparência séria, era um aspecto de doente mental! E era a primeira vez na minha vida que ouvia alguém verbalizar que algo fazia sentido antes de por-se a rir. Talvez fosse um comando pra que os rarefeitos neurônios de uma zona cerebral mal desenvolvida seguissem determinado padrão ditado quando não se compreende a comunicação linguística.

Eu estava assustado. Profundamente assustado. Calma, Marcelo, o Universo é sábio. Não é à toa que você está com esta revista Caras molhando embaixo do seu sovaco suado.

– Moça, você quer trocar o livro da sua irmã por esta revista?

Ela franziu a testa e pareceu ter experimentado uma metamorfose, transfigurando-se num bagulho mais esquisito do que o Steven Tyler, o vocalista do Aerosmith. Suponho que, no planeta dela, era o modo usual de manifestar contentamento.

Desta feita, a prima bonita do E. T. gritou:

– SIM!

Quem é da Geração X, assim como eu, levanta a mão! Vocês, com certeza, recordam-se do programa Domingo no Parque, do Silvio Santos. Sabe aquele quadro em que as crianças ficavam dentro de um foguetinho, ouvindo música?

O Silvio Santos perguntava se o menino queria trocar a bicicleta por um chiclete de jiló mastigado e o menino gritava: “SIM!”.

Foi exatamente desse jeito que ela gritou quando eu a questionei sobre a troca do livro pela revista: “SIM!”.

Soltei a revista no ar e entreguei-a aos caprichos da Lei de Newton. Chocado, recuei pisando três vezes pra trás e saí do edifício a passos largos, andando ligeiro, quase correndo.

Na rua, bem no acesso da instituição financeira, como se lixo fosse, tropecei no clássico do Dale Carnegie: “Como fazer amigos e influenciar pessoas”.

Com todo o respeito que esta publicação do início do século XX merece, eu preferiria ter encontrado o livro “Como desfrutar vaginas fazendo-se de surdo”.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Ela não gosta de mim...**

## **mas é porque eu sou burro**

Marcelo Garbine

I – A Lei de Gerson: "Tenho que levar vantagem em tudo":

Numa tarde do ano de dois mil e onze, dei-me conta de que o telefone da sala da minha casa estava quebrado, como se espera de um telefone sem fio, que, geralmente, possui uma vida útil curta.

Conectei-me à internet e, num site de comparação de preços, comecei a pesquisar por "telefone sem fio". Encontrei um telefone muito barato, que custava menos de trinta reais! É claro que optei por ele.

Caso o aparelho fosse uma porcaria e durasse somente alguns meses, mesmo assim, eu já sairia no lucro. Só estranhei a caixa do produto: a imagem ilustrativa era um pirata. Ignorei a esquisitice, taquei o meu cartão de crédito lá, digitei os números e mandei ver na compra.

\*\*\*\*\*

## II – A Lei de Murphy: "Se algo pode dar errado, dará":

Transcorrida uma semana, o zelador do prédio interfonou pro meu apartamento, informando-me que, na portaria, havia um sedex pra mim.

Desci até lá, peguei a correspondência e retornei. Abri o envelope e... opa! Que merda é essa? Um livro?

Qual não foi a minha surpresa quando descobri que comprei um livro infantil! Era um exemplar de "Telefone Sem Fio" do conceituado escritor Ilan Brenman.

\*\*\*\*\*

## III – A Lei do Bozo: "Sempre rir!":

Como é meu hábito, não dei soco na parede, não amaldiçoei o universo e nem chorei de raiva. Apenas ri! Gargalhei demais! Desfrutei o paladar da euforia saborosamente como um idiota!

Não existe jeito mais delicioso de rir do que se esgoelando como um retardado!  
É muito bom ser ridículo! É bastante prazeroso ser capaz tirar um sarro de si próprio! Isto é virtuoso!

\*\*\*\*\*

IV – A Lei de Abraham de Moivre: "A soma de uma grande quantidade de variáveis aleatórias tende a uma distribuição normal":

Confessei a minha cagada pra minha mãe e ela riu também.

Mamãe é coordenadora pedagógica de uma escola e, por coincidência, o autor da supracitada obra é pai de um ex-aluno que estudou lá.

Minha mãe admira o trabalho de Ilan Brenman e costuma adotar os livros dele pra usá-los didaticamente. Como ela ainda não tinha aquele título, mostrou interesse e disse que poderia ficar com o livro.

Sendo eu muquirana pra cacete, vendi o livro pra minha mãe. Depois concluí que teria sido mais elegante embrulhá-lo e guardá-lo pra presenteá-la no dia

das mães. A economia seria a mesma, entretanto, com fineza, poupando-me de cair na grosseria.

Cafona, ingênuo, lunático e mão de vaca, tudo bem, eu posso ser. Mal educado, não.

Descortesia à parte, o padrão da circunstância foi reestabelecido e permaneceu tudo "elas por elas".

\*\*\*\*\*

V – A Lei de Lamarck: "O pescoço da girafa cresceu para adaptar-se ao habitat e alcançar o topo das árvores":

Após uma quinzena, Ilan Brenman foi dar uma palestra na escola de mamãe. A senhora Regina, minha mãe, relatou a história da minha asneira estúpida pro escritor.

O rosto de Brenman corou-se de satisfação com o deleite da narrativa. A menininha de seus olhos pulou de alegria no interior de seu globo ocular e ele mandou essa:

– Que caso genial! Vou contar pra todo mundo! Quá... quá... quá... quá...  
quá!

Ele rachou o bico pra valer! E completou:

– Seu filho deve ter pensado: "Nossa! Que telefone baratinho!".

A partir de então, o senhor Ilan Brenman comenta sobre a minha peripécia em todas as suas conferências. Isto é uma honra pra mim!

Está certo que eu virei um personagem bizarro, motivo de chacota pra entreter o público e deixar o ambiente mais leve, possibilitando que Brenman utilize-me como piada, antes de enveredar por assuntos realmente sérios. Divertindo-se às minhas custas, a plateia queda-se mais receptiva à explanação do orador. Mas que se dane, bicho! Estou orgulhoso e pronto!

Moldei a minha experiência e adequei-a à prática. Minha consciência foi alongada.

\*\*\*\*\*

VI – A Lei de Newton: "Para cada ação, há sempre uma reação oposta de igual intensidade":

A única coisa ruim foi que a minha namorada da época, a Dani, era muito bravinha e intolerante. Levava os fatos pelo lado negativo, era dona de um controle emocional escassamente desenvolvido e dispunha de pouco senso de humor.

Como eu vivo com a cabeça nas nuvens, esqueci-me destes detalhes...

No dia em que eu recebi a encomenda indesejada, fui ao motel com ela. No caminho, falei que fiz uma burrada e expliquei o ocorrido.

Supus que a Dani consideraria o acontecimento cômico, assim como eu, minha mãe e, posteriormente, inclusive, o próprio autor. Porém, ela não achou graça nenhuma. Fez cara feia, deu-me uma bronca e sentenciou que eu era um jumento cretino que queimava dinheiro e tinha mais é que se ferrar.

Segundo a minha querida amada, se eu morresse, não haveria nada mais justo, ninguém perceberia a minha ausência e o Planeta Terra passaria bem sem mim, além de que eu seria acolhido no seio do local onde eu merecia morar eternamente: a profundidade dos infernos. Mais peculiarmente, num



quartinho especial reservado aos lerdos e paspalhos no qual as chamas ardem mais fortes.

Como se não bastassem os vinte e cinco minutos de xingamentos, ela ainda arrematou gritando que não conseguia sentir tesão por homens patetas e que não iria mais ao motel comigo. E foi embora. Vixi!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **O limiar da compreensão que veio com o hálito**

Marcelo Garbine

– O sol que aquece o ar e faz com que suba e esfrie-se, culminando nesta fresca brisa que cá em minha face sopra, perfaz o ponto ideal de climatização para que beijos seus deturpem a temperatura que ora fora estabilizada pelas forças motrizes da natureza. Equilíbrio e desequilíbrio esses que se alternam e concebem têmpera em minha pele sedenta por seus toques, tornam febril minhas entranhas que a bafagem amenizara. E de nada valeria a paz proporcionada pelo frescor da essência, se suas mãos escusassem-se do alívio a mim proporcionado de não me quedar abandonado aos caprichos do que vem do acaso da intempérie.

Mal terminei de pronunciar palavras que do meu âmago saíram e a minha amada arregalou os seus olhinhos ilógicos: tão costumários por serem castanhos, tão divergentes por sua carga de sentimentos que jamais existira e jamais existirá outro semelhante na linha espaço-tempo...

Falava eu sério? Sim. Mas a dubiedade sempre sobre ela recaía... A ventosidade que não era a aura a qual me referia, em verdade, provinha de meu íntimo, que não era nem o meu coração e nem a minha alma, eram as

minhas vísceras no sentido mais vil possível da denotação. A ventosidade era distinta da aragem que reavivava o álamo: era o manifesto das vozes obscuras de um intestino que absorvera o banquete romântico, à luz de velas, da noite anterior.

– Você me diverte ao mesmo tempo que me enaltece, meu amor. As horas, então, passam leves quando estou ao seu lado, mas confesso que me confunde um pouco...

– São as impenetrabilidades do afeto, deusa minha. E que medida teria minha afeição por você se essa não fosse ladeada pela tríade que compõe o aconchego da convivência de um casal enamorado por toda uma vida? Sentimentos originados da autenticidade não são ensaios vislumbrados por um pernoite casual.

– E que tríade vem a ser essa, meu poeta?

– As coxas de outras moças, o ronco noctâmbulo e a flatulência.

– E o momento único do encanto da poesia?

– Ele existe, mas não é cerceado pelos disparos advindos dos corpos que se entrelaçam, desejando-se e consumando-se. O exercício das ações genuínas não é abjeto.

– É rígida a ressonância da voz de minha mãe em minha mente, incutindo em mim o que são os padrões da rotina de vida de uma princesa. As estórias de contos de fadas são vívidas e falam alto porque foram bem calcadas na estampa da formação do meu caráter.

– Talvez seja essa a bifurcação forjada entre sonho e realidade que enterrou a semente da discórdia que germinou e permeou os devaneios por dois arrebatados. O pudor dos irmãos Grimm venerou a obstipação intestinal. Altezas da corte, em suas páginas, eram desautorizadas a implementar as funções mais básicas de suas composições genéticas, como se o odor das rosas que exalam das linhas de uma trova competissem com o aroma nascedouro no núcleo do abdômen do príncipe. Tamanha crueldade acometida contra os moços apaixonados que eram obrigados a omitir suas características humanas elementares e somente a revelarem após o matrimônio suplantou a felicidade radiante que pairaria sobre os longos anos da comunhão, espezinhando peitos pulsantes e rotulando injustamente o galã de mal educado. Fenômeno que levaram pequenas a amarem mais os pôsteres de seus ídolos colados nas paredes do dormitório conjugal do que o homem que ao seu lado dorme e provê o sustento das crias.

– Se tão somente congênita e inocente é a fragrância do bendito ventre, por qual motivo expressara fisionomia deveras avexada no primeiro almoço com minha família, quando nem culpado foste pelo turbilhão avassalador que transpassou a sala da minha casa, meu adorado?

– Sabendo eu das complicações derivadas da timidez manufaturada em sua severa infância, fruto da ferrenha disciplina ditada por seus genitores, vi por bem, como bom cavalheiro que sou, assumir a responsabilidade pelo esparramo e livrar minha donzela de admoestações moralistas, mesmo correndo o risco de rebaixar-me no conceito de seus reacionários entes queridos.

Os olhos castanhos de minha dulcineia vermelheceram-se. Uma lágrima deslizou ziguezagueando o seu rostinho alvo enrubescido. Seus ouvidos castos nunca haviam sido banhados por dizeres mais belos. Seus braços largos entrelaçaram o meu pescoço e seus lábios desgrudaram-se, enquanto a vermelhidão de seus olhos eram ocultadas por suas pálpebras. Sua fronte iniciou a busca lenta pela minha. Mas, numa interrupção brusca, ela apôs sutilmente sua mão sobre minha boca. Tive a impressão que, antes de perpetrar o ósculo, pretendia falar-me algo... mas, não, ela apenas levantou o dedo indicador, apontando-o para as ensolaradas nuvens daquele céu azul primaveril, tirou o seu pezinho do chão e lançou o seu charmoso quadril para o seu lado esquerdo, mirando fixamente as minhas retinas e fez emanar o bálsamo oriundo da atmosfera dos seus recônditos mais secretos.

Desvendada a gênese das desavenças, pronto estávamos para o êxito nupcial.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# O assento é do Pinto

Marcelo Garbine

Crônica de humor didática – Reforma ortográfica – Acentuação gráfica

## PRÓLOGO

Você queria aprender gramática e desistiu porque não está com vontade? Isto é porque, além de desleixado, você também é um desinformado que não conhece o novo método didático do Mingau Ácido. Este método consiste na leitura de crônicas de humor, fora do padrão convencional, que ensinam regras gramaticais, de um jeito que torna um pouco menos insuportável o que não descia pela sua goela.

Nesta crônica, aprenderemos:

\* O que são palavras homônimas, homógrafas e homófonas

\* “Que raios” fizeram com o tal do acento diferencial? Ele existe ainda depois da nova reforma ortográfica?

É isto que saberemos, agora, através de uma história tragicômica. A tristeza de uns é a felicidade de outros. Como nem você e nem eu temos culpa pela

maldade que fizeram com o personagem dessa crônica, vamos relaxar e gozar (gozar significa divertir-se, nesse caso) e aprender com fatos hilários do passado. Eu também não queria que a Segunda Guerra Mundial tivesse acontecido, mas, já que aconteceu, aprendo com os livros de História. Então...

### O ASSENTO É DO PINTO

O ser humano é um animal que reclama de tudo. Não gostamos de quem é diferente da gente e nem das mudanças que fazem com que as coisas passem a ser distintas do que estamos acostumados. Queremos que tudo aconteça da maneira que planejamos e deleitamo-nos somente com as pessoas que possuem os mesmos valores que nós. Eta, bichinho “forgado” que é esse tal de ser humano.

Está certo. Eu sou ser humano também. Por isso que eu tenho que fazer uma força descomunal para não cair no lugar-comum de ficar fazendo críticas do tipo: “creeeedo! Ele não gosta desse livro? É tão bom!” ou “Como pode alguém não gostar desse filme? É um dos meus preferidos”. Eu não sou termômetro de porcaria nenhuma. E você também não é.

Isso vale para a nossa relação com as pessoas, com o tempo, com as leis da natureza e com a ordem dos acontecimentos.



Eu nunca fui muito com a cara desse negócio de ficar reclamando que tá frio ou tá calor. Eu tacho logo uma blusa ou tiro a blusa e mando ver. Mas... algumas pessoas apreciam fazê-lo e, como não sou irmão gêmeo por parte de preferências e costumes de ninguém, não vou meter o pau (no bom sentido) pelas costas ou pela frente em ninguém.

Nessa última reforma ortográfica, foram feitas pequenas mudanças na forma como estamos acostumados a escrever. Não mudou muita coisa, mas foi o suficiente pra mexer com a almofadinha confortável da galera: “Eu aprendi desse jeito na escola, caramba!”.

Vai chorar as pitangas em outra freguesia, amigão. Imagina quanto não sofreram os nossos avós, nos anos trinta, com a reforma ortográfica que os obrigou a começar a escrever “farmácia” em vez de “pharmácia”. E aquele monte de crases que existiam no meio das palavras? Vixi... Parecia outro idioma. E aquela porrada de acentos diferenciais que caíram nos anos setenta? Então, não vamos reclamar de barriga cheia.

Quando tive contato, pela primeira vez, com as novas regras de acentuação, meu pensamento viajou para uma galáxia muito distante, pra lá de onde Judas perdeu as botas na linha do tempo da vida... Pensando bem, acho que ele perdeu foi as meias porque as botas, ele perdeu antes. Então deixa eu discorrer logo sobre o que eu quero dizer, se não o tempo passará mais ainda



não se essas pessoas forem estimadas pela dona Carmen. Quando grávida do catedrático, lia “La vida del Buscón”, um de seus romances preferidos, escrito por Francisco de Quevedo, cujo personagem principal é Pícaro, e teve a brilhante ideia de agraciar seu futuro pimpolho, que ainda feto era, com o nome de Picasso Pícaro. Eeeee laiaá, homenagem boa! O menino seria chamado de Pícaro Picasso Pinto. Como ela poderia imaginar que, no futuro, ficariam fazendo gracejos e “trocadalhos do carilho” com o designativo do pequerrucho dela? Seu querido rebento cresceu e tornou-se professor de português.

Toda quarta-feira era dia de aula daquele homem engraçado, a quem, carinhosamente, demos a alcunha de Pi-Pi-Pi, ou, simplesmente, Pi-Pi, fazendo uma analogia dupla com o título da certidão de nascimento do coitado: uma de abreviatura e outra semântica.

Tio Pi-Pi entrou na classe, com o seu típico andar desengonçado, e, como sempre, olhou para o chão, ao dar-nos bom dia e dizer que, naquela aula, falaríamos sobre acentuação gráfica.

Os alunos, que tinham sérias dificuldades para respeitar a insigne do catedrático, continuaram duelando com suas lapiseiras e bolinhas de papel, sem dar a mínima bola para o gordão que ali pairava. Na suntuosa banca destinada ao educador, estava o Rodrigo, o mais fanfarrão de todos os adolescentes, que se recusava a abandonar o local.

Os colegiais não sabiam se ficavam com dó do cafona esquisito ou se terminavam de achincalhá-lo. Na dúvida, fizeram os dois: solidarizaram-se com o cavalheiro jeca e, ao mesmo tempo, colocaram as manguinhas de fora e lançaram mão de seus venenos, aos berros e em coro:

– o assento é do Pi-Pi! O assento é do Pi-Pi! O assento é do Pi-Pi!

Coitadinho do tio Pi-Pi...

Assento e acento são palavras homófonas. O que são palavras homófonas?

Palavras parônimas: despensa (local em que se guardam alimentos) e dispensa (verbo dispensar). Essas palavras possuem grafias e pronúncias semelhantes. Uma dica para lembrarmos o significado de palavras parônimas é focarmos no radical dessa palavra: PARônimas lembra PARecidos. Palavras parônimas são palavras que se parecem.

Palavras homófonas: cozer e coser. Possuem a mesma pronúncia, mas são escritas de formas diferentes. Cozer significa cozinhar e coser significa costurar. Se essas palavras estiverem num texto, podemos distingui-las pela

grafia, mas se forem pronunciadas, só podemos saber os seus significados pelo contexto do que está sendo dito. Mais um macetinho pra você: coZer é grafado com Z de coZinhar e coSer é grafado com S de coSturar. “Homo” exprime a noção de igual e “fona” exprime a noção de som. Homófono = som igual, porém grafias diferentes.

Palavras homógrafas: colher pode ser um substantivo ou um verbo. No caso de ser um substantivo, trata-se da colher que usamos para comer e, sendo um verbo, refere-se à colheita de uma horta, por exemplo. A grafia é a mesma, mas o significado e a pronúncia são diferentes. Quando nos referimos à colher com a qual comemos, dizemos “colhér” (com sonoridade de acento agudo no E) e quando a referência é a colher algo, dizemos “colhêr” (com sonoridade de acento circunflexo no E). É óbvio que, em ambos os casos, o acento não existe e foi aqui utilizado exclusivamente com o fim de ilustrar didaticamente. “Homo” exprime a noção de igual e “grafa” exprime a noção de escrita (grafia). Homógrafa = mesma grafia, porém sons diferentes.

Palavras homônimas: possuem a mesma pronúncia e a mesma grafia, mas seus significados são diferentes. O “canto da sala” e o “canto do pássaro” são bons exemplos de palavras homônimas. Nos dois casos, escrevemos e pronunciamos do mesmo modo. É impossível confundir os dois cantos, a não ser que no canto do quarto esteja o criado-mudo e ele esteja tentando, inutilmente, cantar, em vão: “huuummmm... huuummmm...”. O pobrezinho

vai esforçar-se adoidado e não vai sair som nenhum porque ele é mudo. Não vai conseguir cantar nem que a vaca tussa.

Aqui, aproveito para falar sobre uma das mudanças que ocorreu, na acentuação das palavras, com a nova reforma ortográfica:

Antes da reforma: a preposição para (Pedrinho mostra o dedo do meio para todos) e o verbo parar, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (Pedrinho para de mostrar o dedo do meio) eram palavras homófonas porque “para”, quando verbo, era acentuado (pára).

Depois da reforma: para (preposição) e para (verbo) passaram a ser palavras homônimas, porque se deixou de acentuar o para (verbo). Agora, escrevemos e falamos essas duas palavras, com significados totalmente diferentes, da mesma forma. Mas, no contexto do que se é dito, torna-se inviável a confusão entre elas. E o Pedrinho tem mais é que tomar uns cascudos para largar de ser mal educado.

Os sábios telespectadores do doutor João Kleber, quando desfrutam a erudição de seus espontâneos e nada combinados “testes de fidelidade”, estão cientes que o “para para para” exclamado com estridência pelo eminente comunicador (sem intenção nenhuma de embromar para segurar a audiência,

toda vez que a mulher do corno ameaça tirar a roupa para o Ricardão) não tem mais acento. Acentos são economizados pelas prodigiosas mentes dos telespectadores do João Kleber, com alto poder imaginativo, que visualizam a grafia correta de todas as palavras ditas oralmente pela sumidade que apresenta programas de TV para intelectuais.

Se você for um cidadão ocupado e hiperativo, sem tempo para encaixar o hábito da leitura na sua lista de afazeres, e estiver aproveitando um sinal vermelho de trânsito para ler essa crônica, caso perca a concentração e bata o seu carrinho, vai amassar o seu para-choque (sem acento). O “para” que compõe essa palavra composta é oriundo do verbo parar, pois o utilitário que possui a função de proteger a sua caranga e evitar maiores danos provocados por um sinistro para (do verbo parar) o choque de uma batida. Antes da última reforma ortográfica, você acentuava o dito cujo e amassava o seu pára-choque (com acento agudo no primeiro A).

O mesmo fenômeno ocorreu com pelo (substantivo) e pelo (preposição). Da mesma forma que para (verbo) era acentuado para diferenciar-se de para (preposição), o substantivo pelo também era acentuado para diferenciar-se da preposição pelo.

Pelo amor à língua portuguesa, caiu a ficha dos gramáticos e eles perceberam que não existia perigo de confundir-se o “rato caminhando pelo esgoto” com o

“pelo do rato”. Então, agora, eu não escrevo mais “um piolho-da-púbis (também conhecido como chato) caminha pelo (sem acento) pêlo (com acento circunflexo) do meu saco” e, sim, “um piolho-da-púbis caminha pelo pelo do meu saco” (sem acento, em ambas as classes gramaticais). De qualquer forma, o piolho-da-púbis é um pentelho que gosta do meu pentelho e enche o meu saco. Um chato que enche o saco no saco de outro chato.

Nessa altura do texto, você deve estar procurando uma FORMA de guardar todas essas novas informações, que além de chatas, vêm bem na hora que bate aquela fome... Imagina só um delicioso frango assando numa FÔRMA (ou numa FORMA). Sim, pela regra de acentuação gráfica, você pode escolher se acentua ou não o substantivo FORMA. Se você achar que corre o risco de confundir forma com fôrma, você acentua. Se você for menos paranoico e chegar à conclusão que não corre esse risco, escreve sem acento dos dois jeitos mesmo. Ou seja, “a forma que eu encontrei de fazer algo” não leva acento e “a forma com a qual eu fiz o bolo” pode ser acentuada ou não.

Em todos os casos de acentuação citados até agora (em para, pelo e forma), chamamos esse tipo de acento de “acentu diferencial” porque ele não se enquadra em nenhuma regra própria de acentuação e era utilizado apenas pela necessidade de diferenciar as duas palavras. Como se chegou ao consenso que essa diferenciação era mais inútil do que cinzeiro em moto, mandou-se essa regrinha dos diachos para “as cucuia”, nos casos de “para” e “pelo” e facultou-se o acento no caso explanado de “forma”.



Para os diretores daquele lauto colégio, o que fizeram com o tio Pi-Pi foi apenas uma zombaria cruel, mas para os alunos que estavam atentos, houve uma grande oportunidade de aprender gramática. Assim que os jovens precoces perceberam a analogia entre o atrevimento do Rodrigo e a matéria que seria lecionada, naquele dia, tudo se tornou uma festa e pôde-se aprender brincando, como numa crônica do Mingau Ácido.

Rodrigo cedeu ao clamor público juvenil e saiu da cadeira do grão-mestre. Saiu rindo, mas saiu. E, então, o Sr. Pi-Pi pôde sentar-se. O que é mais digno do que se poder sentar no pipi. Isso é pra gente aprender que não importa o quanto as coisas estejam ruins, tudo pode piorar, caso não tomemos o devido cuidado.

Aqui, aproveito para falar sobre uma exceção do conjunto de regras de acentuação gráfica, de acordo com a nova reforma ortográfica:

Repare que, no penúltimo parágrafo, eu disse que “o Sr. Pi-Pi PÔDE sentar-se” e “não importa o quanto as coisas estejam ruins, tudo PODE piorar”. Na primeira oportunidade, utilizei o verbo poder na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, e, na segunda oportunidade, utilizei-o na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

Antes da reforma ortográfica: as duas palavras, que são formas de escrever o mesmo verbo em tempos verbais diferentes, eram palavras escritas e pronunciadas de forma diferente.

Depois da reforma: não mudou nada, continua tudo a mesma mer... a mesma merecida coisa, como se fosse um caminhão cheio de japoneses.

Aqui está uma boa notícia pra você, seu preguiçoso lazarento, que só quer sombra e água fresca e prefere que as coisas não mudem para não precisar aprender de novo: nesse caso, o acento diferencial não caiu em desuso.

– Eba! – seria o grito dos alunos do mestre Pi-Pi, se eles estivessem lendo essa geringonça.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)

# **Enterrem o meu ego numa urna de safira**

(carta de um suicida do núcleo umbilical)

Marcelo Garbine

Vinte minutos era o tempo restante entre a mordida que eu dava naquele sanduíche de rodoviária e o momento indicado pelos algarismos arábicos impressos no bilhete de passagem enfiado no bolso da minha calça.

A quantidade de vidas e histórias que circularam naquele ambiente no qual não havia nenhuma definição certa de área de interesse inquietava-me quanto mais eu brincava de devanear acerca disto. E a aflição era acrescida de demência se o intervalo periódico fosse expandido pela minha imaginação retardada.

Algumas pessoas que ocuparam aquele mesmo espaço muito antes deste que vos fala já estavam pra lá de Bagdá e outras nem existiam mais. Gente que bateu as botas e gente que foi pra casa do... pipi. Mas de que adianta abrir o leque dos anos se o que me convém são os vinte minutos que me cabem? Vinte, não, porque, depois deste passeio inútil que os meus neurônios vagabundos deram entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico, só me sobram dezesseis e uns tique-taques.

Enquanto nenhuns deste segundo arquétipo de pessoas souberem que este ser aqui perde os seus desgraçados dias com bobagem, eu estou a salvo. O importante é fazer cara de inteligente pra ninguém descobrir que eu sou babaca. Tá bom, pateta, mas que picas é esse negócio de "segundo arquétipo de pessoas"? Ora... o primeiro sou eu...

Nas cacholinhas desastradas do segundo arquétipo não passa filme mais cult. Eles são tão bisonhos quanto eu. Quer ver só?

– Moça, você sabe onde fica o toalete?

– O feminino fica do lado do quiosque de esfiha.

Viu? Ela também pensa que é o centro do universo. E eu lá vou querer saber onde é a divisão de descarrego das vulvas? Não nesta encarnação...

Eu poderia utilizar estes... agora, doze minutos que se esfarelam pra compor uma poesia. Sim, eu gosto de escrever poemas. Não de ler, somente de escrever, porque a mim são relevantes apenas os meus sentimentos. Mas, na

hipótese de você ter algumas linhas de versos vomitadas na sua caderneta, mostra aí, meu. Quem sabe eu não me identifico com algum pedaço...

Entretanto, se a trajetória da sua existência neste planetinha de meu Deus for totalmente discrepante às memórias da realidade que o destino a mim reservou, eu quero que você pegue os seus rabiscos e... guarde bem guardadinho.

Educação é uma palavra cujo significado grafado no dicionário deveria ser "habilidade de não verbalizar aquilo que se pensa".

Por isto fingimos que nos interessamos uns pelos outros. E, de modo geral, somos bem-sucedidos no desempenho deste talento aprendido e transmitido entre gerações. É claro que remanescem "licenças poéticas" que nos permitem quebrar a regra, como agora, ao estruturar-se textualmente construções assentadas por meandros gramaticais que envolverão com simpatia quem lê, afinal o receptor estava ávido pela sensação de alívio que, nesta ocasião, é-lhe proporcionada: o encontro com dizeres sinceros que ele sempre carregou dentro de si em formato de percepções emotivas que nunca foram traduzidas em vocábulos.

Esta é a minha única estratégia pra fazer que gostem de mim porque, se você não detectar semelhanças entre o seu egozinho autocentrado e o meu discurso aporrinhante, nego, eu tô na roça.

E, na circunstância de cansarmo-nos de tamanho narcisismo, expelimos nossos DNAs pra que possamos estimar outrem. O que não nos redime de nada porque este apego acaba sendo por um "segundo eu". Assim fica fácil amar o próximo. E, quando queremos criar afeição por qualquer porção de átomos vivos que não seja os nossos próprios DNAs, compramos um cachorro, uma criatura que corresponde com maior facilidade, quase não nos contraria e não quer ser mais do que nós. E, caso a natureza nos aborreça com o famigerado peso de consciência que faz sentirmo-nos "Richthofens", ainda temos o subterfúgio do plágio: imitamos o comportamento da afabilidade e levamos um órfão pra ingerir carboidratos num fast-food que reproduz a alegoria circense em quaisquer dos dias que antecedem a véspera de natal, já que na véspera em si, compartilharemos o sentimento original da benquerença com os nossos próprios ácidos desoxirribonucleicos.

E, se você ousar discordar de mim, eu sinto vontade de meter uma bala no meio dessa sua testa. E só não o faço porque – mesmo que as leis dos mortais não me peguem – a minha maldita mente foi desafeiçoada com os inconvenientes genes do sofrimento pela dor alheia. Estes detestáveis dispositivos, que foram essenciais pra continuidade da presença humana no globo terrestre até o instante atual, responsáveis pela vulga "lei da boa

vizinhança", não me deixarão ressonar os meus "decibélicos" roncos noctâmbulos em paz. Só por isto. Ah, e também porque eu não sou cem por cento ateu. Mesmo que seja ínfima a possibilidade de haver um Deus, vai que o calhamaço milenar seja fidedigno... Deus me livre!

Caramba, que horas são? Se eu me atrasar e perder o filme "Cosmópolis", dou um tiro na minha cabeça...

– Vixi, moça, eu perdi o meu ônibus...

– O meu só sai às 14h55.

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)